

Serra d'Arga: a marca como vector de desenvolvimento.

Pereira, Andreia (andreiaflup@gmail.com)

Mestranda em Geografia Física, Ambiente e Ordenamento do Território
no Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Silva, Madalena (madalenapsilva@gmail.com)

Mestre em Gestão de Riscos Naturais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Pereira, Ricardo (ricardofap@gmail.com)

Estudante em Marketing no Instituto Superior de Contabilidade e Administração da
Universidade de Aveiro



Colóquio Ibérico de Estudos Rurais
Cultura, Inovação e Território

Coloquio Ibérico de Estudios Rurales
Cultura, Innovación y Territorio

Coimbra, Portugal

Outubro / Octubre 23-25, 2008

Comunicação apresentada no VII CIER – Cultura, Inovação e Território

Resumo

O presente trabalho de investigação visa apresentar uma resposta à necessidade de promoção e projecção dos territórios periféricos dos espaços de montanha. Os territórios serranos, onde no início do último quartel do século XX imperava a função produtiva, sofrem um célere processo de despovoamento, assumindo na actualidade novas funções, designadamente a nível da preservação ambiental, ecossistémica e paisagística, valores procurados pelos actuais fluxos turísticos. Assim, a viabilização económica destes espaços terá de se alicerçar na valorização dos elementos únicos e diferenciadores da identidade de cada território, de modo a difundir num sector cada vez mais concorrencial um produto turístico bem definido, uma imagem singular e uma marca forte, capazes de mobilizar novos e diversificados segmentos de mercado. A apresentação de um plano de marketing para a Serra d'Arga constitui uma aplicação concreta do princípio do estímulo ao desenvolvimento endógeno, tendo por base o conhecimento pormenorizado da várias dimensões de definição da identidade territorial, o diagnóstico do seu potencial e fragilidades e a aplicação das estratégias de marketing territorial.

Palavras-chave: Serra d'Arga, paisagem cultural, produto turístico, marketing territorial.

1. Nota Introdutória.

A Serra d'Arga, localizada no Alto Minho, é constituída por territórios pertencentes aos concelhos de Viana do Castelo, Caminha, Vila Nova de Cerveira, Paredes de Coura e Ponte de Lima. A delimitação deste maciço montanhoso, proposta na figura 1, assenta fundamentalmente em critérios de ordem geomorfológica.

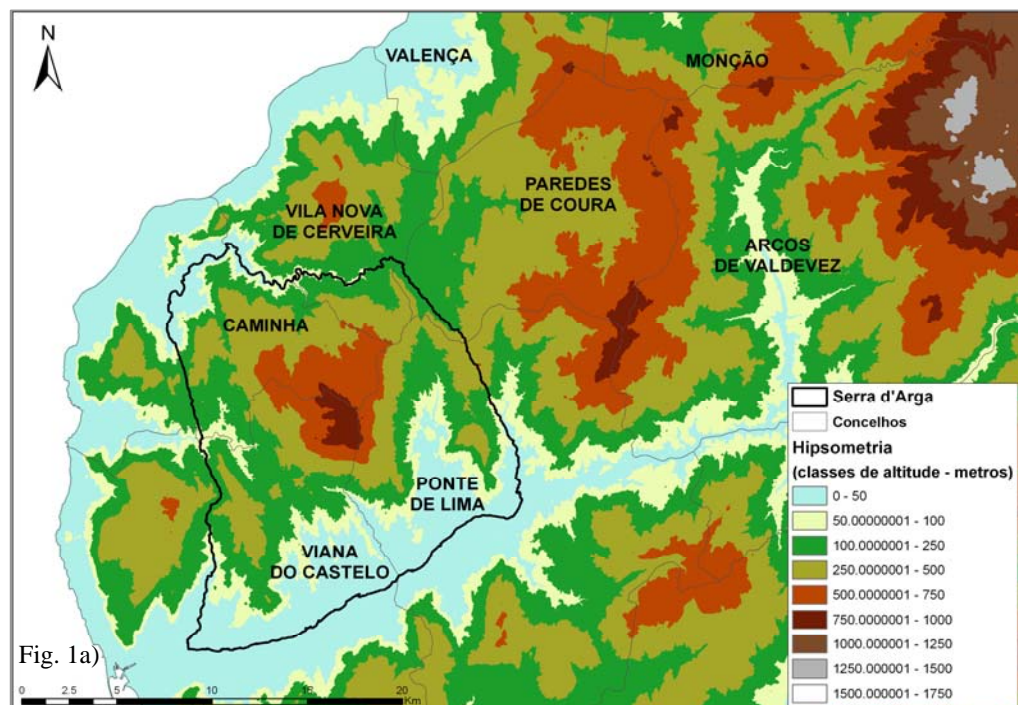


Figura 1a) e 1b) – Enquadramento administrativo e morfológico da Serra d'Arga

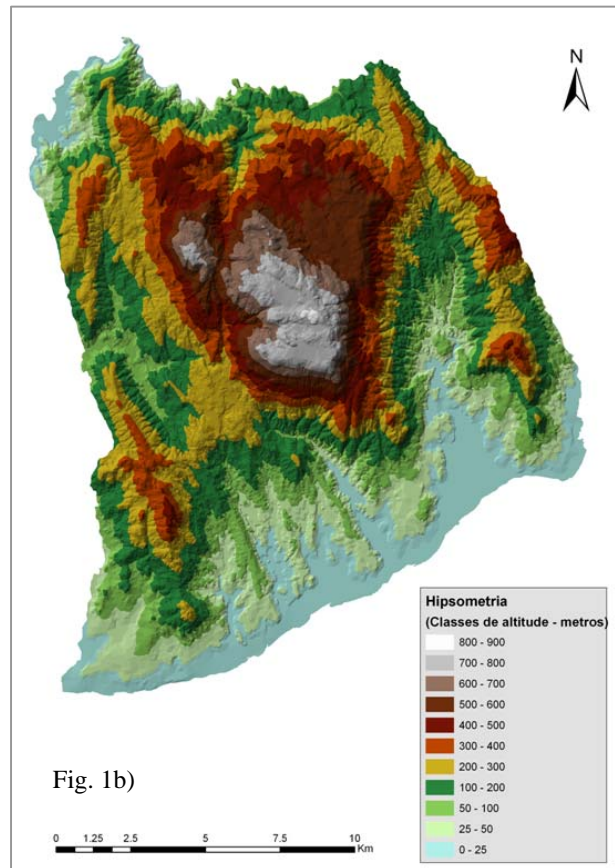
A Serra d'Arga constitui um território periférico às redes socioeconómicas regionais, nacionais e transfronteiriças, experimentando um progressivo esvaziamento demográfico, um crescente envelhecimento da população serrana e consequente declínio da actividade agro-pastoril, ao qual se associa a degradação do património construído e desestruturação da paisagem cultural.

A rápida evolução destes processos coloca em risco recursos ambientais, humanos e culturais, que são cruciais para o potencial de desenvolvimento endógeno da Serra d'Arga. Por isso, acreditamos ser urgente traçar estratégias de conservação, valorização e promoção da identidade serrana, partindo do diagnóstico e rentabilização de valores únicos e originais, radicados na singularidade ecossistémica, paisagística, geológica, histórica e sociocultural deste espaço.

Sustentando-nos nos paradigmas e métodos operacionais do Planeamento Estratégico e do Marketing Territorial, assim como nas técnicas emergentes de *Place Branding*, o objectivo principal do presente trabalho foi a identificação de um produto turístico e concepção de uma marca única para a Serra d'Arga, englobando a segmentação do público-alvo e a definição de uma lógica de promoção e posicionamento no mercado.

A pertinência desta abordagem justifica-se pelo facto dos territórios periféricos ou marginais serem aqueles que evidenciam uma maior dificuldade em projectar-se no exterior. Por outro lado, emergem já novas tendências de procura turística da Serra d'Arga, ainda que a oferta não se encontre organizada e escasseiem infra-estruturas e serviços de apoio indispensáveis.

Face ao presente cenário, foi nosso intuito contribuir para a compreensão e projecção da identidade territorial da Serra d'Arga, explorando particularmente o conceito de paisagem cultural e as novas funções que esta mesma paisagem poderá desempenhar no contexto do desenvolvimento do turismo ambiental e cultural no espaço serrano. Esteve também presente a preocupação de analisar a relação da Serra d'Arga com espaços envolventes que apresentam um potencial turístico potencialmente complementar.



2. Serra d'Arga: - espaço físico e humano.

2.1. Identidade territorial da Serra d'Arga: maciço montanhoso entre o mar e o vale.

A Serra d'Arga integra o alinhamento de maciços montanhosos que se dispõem paralelamente à linha de costa na Região Norte de Portugal, constituindo no seu conjunto a “*barreira de condensação do noroeste português*”.

A sequência longitudinal das serras Peneda/Gerês, Arga, Barroso, Alvão, Marão e Montemuro, esta última localizada a sul do rio Douro, representam, quer pelas altitudes que atingem, quer pela sua massa (J. Dias, 1949) uma divisão natural que determina a mutação da identidade paisagística, condicionando uma transformação gradativa do carácter atlântico das paisagens na área do Minho, em virtude da transição climática resultante da passagem da influência marítima para a influência continental (S. Daveau, 1995).

À excepção da serra do Marão, os demais maciços referidos possuem como suporte físico rochas granitóides, cortadas profundamente por alinhamentos de fractura tardi-hercínicos ou alpinos (M. Feio; BRITO, R. S. 1950), que condicionam os principais rios da região e alguns dos seus afluentes (F. Rebelo, 1992). Efectivamente, a tectónica fracturante é a principal explicação para a origem destas serras. As linhas de água seguem frequentemente direcções rígidas e, apesar da sua elevada densidade, é ainda possível detectar níveis aplanados como os do Gerês, a 1400 metros, da Peneda pelos 1100-1200 metros, da Cabreira pelos 900-1000 metros e a da serra de Arga a 800 metros (M. Feio, 1951).

A génese destes maciços montanhosos deve-se assim à acção de sucessivas fases orogénicas sobre o Maciço, suporte morfo-estrutural da Região Norte de Portugal.

O Maciço Hespérico é constituído por rochas ígneas e metamórficas ante-mesozóicas, consolidadas sobretudo aquando dos movimentos hercínicos, responsáveis por um metamorfismo regional importante e por um magmatismo sin-orogénico, *senso lato*.

Devido ao facto de ter sido dobrado e metamorfizado (quer por metamorfismo regional, quer por metamorfismo de contacto) durante a orogenia hercínica, o Maciço Hespérico tornou-se no núcleo resistente ao dobramento alpino. Consequentemente, a orogenia alpina tem uma acção predominantemente fracturante, dando origem a *horsts* e *grabens* e permitindo, simultaneamente, a conservação de áreas aplanadas, que viriam a ser elevadas durante o quaternário.

A orogenia hercínica é responsável por uma das principais orientações tectónicas mais importantes no Norte de Portugal (NW–SE), assim como pela promoção de extensos fenómenos de granitização, aos quais se associam processos de metamorfismo de contacto. Na fase final deste ciclo orogénico, os materiais rígidos foram alvo de uma forte acção fracturante que originou uma densa rede de falhas e fracturas. Neste período terminal, a orientação dominante hercínica NW-SE evolui no sentido NNE-SSW.

A acção da orogenia alpina na Região Norte traduz-se pelo aparecimento de falhas com orientação NE-SW e, ainda, pelo rejogo das falhas herdadas da orogenia hercínica, resultando na deslocação de diversos blocos e repercutindo-se na reorganização da rede de drenagem.

Após este breve enquadramento macro-estrutural, conclui-se que a Serra d'Arga alicerça-se sobre o Soco Hercínico, sendo a orogenia alpina responsável pela sua elevação. A tectónica alpina estará na origem dos nítidos alinhamentos de falhas de orientação NE-SW, que definem os limites setentrional e meridional deste maciço montanhoso, tendo simultaneamente induzido a reactivação das falhas hercínicas. Verifica-se, na verdade, uma vincada expressão morfológica dos alinhamentos de falhas de direcção NW-SE, que traçam a delimitação oriental e ocidental da serra. É plausível a continuidade durante o quaternário da movimentação, por rejogo neotectónico, da rede pré-existente de falhas e fracturas, o que contribui para explicar a conservação do vigoroso relevo da Serra d'Arga.

De acordo com o zonamento do Maciço Hespérico proposto por Lotze em 1945, a Serra d'Arga encontra-se inserida na Zona Centro Ibérica, integrando também terrenos alóctones – parautóctones, que em termos geológicos, neste maciço correspondem essencialmente à designada Unidade do Minho.

Do ponto de vista estratigráfico, a Zona Centro-Ibérica caracteriza-se pela discordância do quartzito armonicano sobre uma sequência do tipo Flysch (câmbrico e precâmbrico superior), denominada “*Complexo Xisto–Grauváquico*” (A. Ribeiro *et al*, 1979). Consequentemente, salientam-se a nível geológico o complexo xisto-grauváquico ante-ordovícico, os quartzitos do ordovícico e ainda, os diferentes tipos de granitóides hercínicos. As rochas básicas têm pouca expressão nesta região estrutural, com a excepção do território transmontano.

Assim, na interpretação geológica da Serra d'Arga salientam-se, numa primeira linha de análise, a grande extensão ocupada pelos xistos negros da Unidade do Minho, o granito de grão grosseiro de duas micas que marca o seu núcleo central, o granito de grão grosseiro da formação de Perre e o granito de grão médio da formação de Ponte de Lima.

Na margem direita do rio Lima, no sopé oriental da serra, assumem especial importância os depósitos fluviais e estuarinos, aos quais se deve a excepcional fertilidade agrícola dos solos da Veiga do Lima, assim como pequenas áreas de depósitos fluviais e lacustres. Na secção do vale do rio Âncora compreendida entre as freguesias de Orbacém e Gondar encontram-se também algumas áreas de sedimentação fluvial, relacionadas com a dinâmica deste curso de água.

Ampliando a escala de análise merecem ainda destaque diversos tipos de filões quartzosos, xistentos e de aplo-pegmatitos, sujeitos a diversos períodos de exploração mineira desde o período romano, até à época contemporânea, passando pela idade medieval.

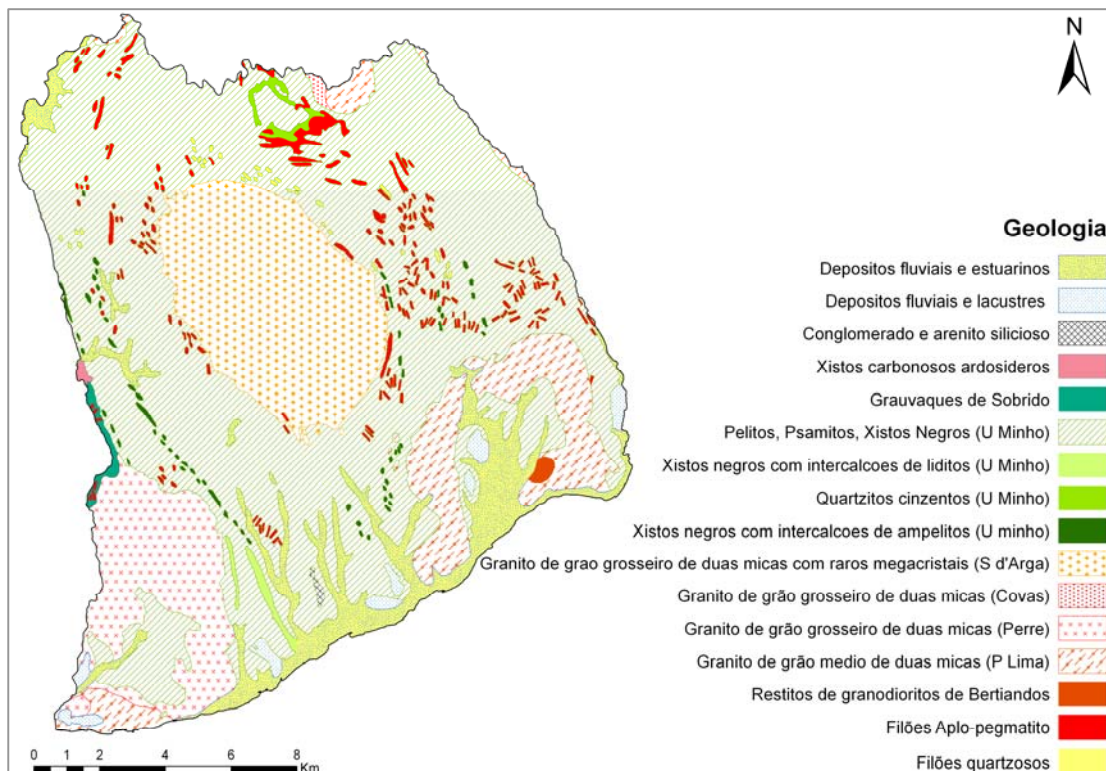


Figura 2. Geologia da Serra d'Arga.

A observação do substrato geológico da Serra d'Arga é de grande relevância para a compreensão da paisagem desta unidade morfológica, influenciando a fertilidade dos solos, no que respeita ao seu potencial produtivo a nível agrícola e à sua aptidão concernente à vegetação espontânea.

De facto, as características edáficas da Serra d'Arga expressam a influência determinante da conjugação das suas propriedades litológicas e climáticas. Neste último domínio, a Serra d'Arga apresenta quantitativos pluviosos excepcionais, reflectindo quer o efeito marítimo, devido à proximidade do Atlântico, quer as implicações orográficas sobre os elementos climáticos. Relembre-se que a Serra d'Arga enquadra-se geograficamente na “*barreira de condensação*” do noroeste português, alinhamento montanhoso que obriga o ar marítimo a ascender e arrefecer, originando a condensação o vapor de água e produzindo consequentemente importantes precipitações nas vertentes voltadas a oeste, onde se atingem valores superiores a 2.800mm.

Face aos elevados valores médios de precipitação verificados entre os meses de Outubro a Abril, os solos desenvolvidos sobre rochas granitoides e xistentas apresentam características diferenciadas, condicionadas pelas suas propriedades litológicas, designadamente a nível mineralógico e relativamente ao seu grau de alteração e capacidade hídrica da rocha-mãe.

Assim, as áreas xistentas apresentam solos esqueléticos nas altitudes elevadas, cuja génese se encontra provavelmente associada à elevada fracturação do xisto por processos mecânicos associados ao frio, nomeadamente fenómenos de crioclastia e formação de pipecrakes.

Refira-se ainda que o xisto, sendo uma rocha com fraca permeabilidade, um grau de compacidade superior ao do granito e menor porosidade, não possibilita um significativo armazenamento de reservas hídricas da estação pluviosa para a estação seca.

Consequentemente, as vertentes em xisto de declives moderados possuem solos pobres, ocupados predominantemente por vegetação sub-arbustiva esclerófito, observando-se grande diversidade de plantas espinhosas adaptadas à secura. Já nas rechãs tectónicas, a presença do xisto permite o surgimento do sobreiro, espécie claramente mediterrânica, igualmente adaptada à reduzida disponibilidade de água durante o período estival.

Como já foi mencionado, o núcleo central da Serra d'Arga, caracteriza-se essencialmente pelo modelado granítico. A superfície culminante da serra, situada entre os 700 e os 800 metros de altitude, apresenta-se aplanada, predominando nesta a rocha nu e as turfeiras. Indícios geomorfológicos, tais como a existência de pequenas depressões internas similares a pequenos alvéolos, permitem deduzir que esta área, ainda na actualidade mal drenada, terá correspondido a pequenos nichos de nivelação tipicamente periglaciares, da fase final do Würm.

Esta plataforma culminante é circundada por vertentes declivosas, marcadas pela tectónica, que se desenvolvem genericamente entre os 700 e os 500 metros de altitude, onde afloram blocos graníticos *in situ* e blocos deslocados resultantes de processos de meteorização pelo frio e erosão hídrica. Ainda que possuam solos incipientes de reduzida espessura, verifica-se nestas vertentes graníticas a existência de vegetação sub-arbustiva mais exigente em termos de disponibilidade hídrica, em virtude da abundância de água ao nível dos canais de drenagem sub-superficial, disponibilizada pelos mantos de alteração e depósitos graníticos.

As vertentes de declives mais elevados são suavizados à cota dos 500 – 550 metros por um nível de rechãs tectónicas onde se situam os principais aglomerados rurais deste sector da serra, designadamente os diversos lugares das freguesias de Arga de Baixo e Arga de Cima, bem como, a povoação de Cerquido.

Em resultado da maior vulnerabilidade do granito face à erosão hídrica, os cursos de água entalhados em vertentes graníticas desfrutam de uma maior disponibilidade de material para transportar, favorecendo assim a deposição de sedimentos fluviais nas áreas de menor declive situadas a jusante e beneficiando, em última análise, a fertilidade dos solos.

Deste modo, verifica-se nas rechãs graníticas o surgimento espontâneo de matas ou pequenos bosques de carvalho e azevinho que crescem na proximidade dos cursos de água. É nestas rechãs que se desenvolve maioritariamente a área agrícola que assegurava a subsistência das povoações serranas. Em muitos casos,

os terrenos cultivados das rechãs expandem-se na direcção das áreas mais declivosas, através da tradicional estrutura de socacos suportados por muros de pedra. Por outro lado, os solos férteis surgem também associados às áreas de contacto entre xisto e granito.

Daqui se depreende que a vasta maioria do solo arável situado nas vertentes da Serra d'Arga se encontra directa ou indirectamente relacionado com a erosão do granito, dado que o clima de influência atlântica não apresenta amplitudes térmicas capazes de promover uma meteorização do xisto suficientemente intensa, de modo a possibilitar a constituição de solos profundos e férteis. Sublinhe-se que mesmo nas depressões localizadas nas áreas de xisto, onde se verifica a prática agrícola, a fertilidade dos solos dever-se-á aos depósitos aluvionares, constituídos por materiais resultantes da meteorização das rochas situadas nas vertentes a montante, seja do granito, seja do xisto em altitudes elevadas.

Em virtude do seu valor ambiental, ecossistémico e paisagístico, a Serra d'Arga encontra-se integrada na Rede Natura 2000. O Sítio Serra d'Arga inclui parte do vale do rio Âncora e o maciço serrano propriamente dito¹. A delimitação deste Sítio de Importância Comunitária encontra-se representada na figura 15, possuindo uma dimensão de 43,03Km².

A área em estudo integra ainda dois ecossistemas ribeirinhos, classificados como Sítios de Importância Comunitária:

- O Sítio “Rio Lima”, em que se inclui a Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e São Pedro dos Arcos), com uma dimensão de 11,8 Km².
- O Sítio “Rio Minho”, que coincide com a Zona Especial de Protecção dos Rios Minho e Coura, classificada pelo Dec.-lei, n.º384B/99 de 23 de Setembro, com uma extensão de 1,2 Km².

Deste modo, a dimensão total dos territórios classificados como Sítios de Interesse Comunitário na área em estudo ascende aos 56.12Km².

No Sítio Serra d'Arga, os afloramentos rochosos siliciosos (designadamente os blocos expostos de granito de grão grosseiro de duas micas da Serra d'Arga, rico em sílica) assumem especial relevo a nível ecológico, surgindo nestes importantes comunidades crassifólias pioneiras, com predomínio das espécies *Sedo-Scleranthion* e *Sedo albi-Veronicion*.

Como já referido, a superfície culminante da serra, de feição planáltica, constitui uma área mal drenada, onde se observam pequenas zonas húmidas, linhas de água permanentes e zonas de alagamento temporário, o que possibilita a implantação de comunidades higrófilas de montanha que ocupam as turfeiras de altitude.

Merece também destaque a presença de turfeiras de transição ou ondulantes nas pequenas depressões e bases de vertente onde os solos são mal drenados devido à acumulação ou escorrência lenta das águas superficiais e sub-superficiais. Nestas turfeiras verifica-se a fixação de musgos, especificamente da

¹ Esta área foi classificada como Sítio de Importância Comunitária (SIC) pela Decisão da Comissão de 7 de Dezembro de 2004 que adopta, nos termos da Directiva 92/43/CEE do Conselho Europeu, a lista dos SIC's da região biogeográfica atlântica.

espécie *Sphagnum* (nome comum: musgão ou leiva), de biótopos higroturfosos com vegetação pioneira, assim como de urzais e tojais de montanha. Assinale-se ainda a ocorrência de tojais e urzais-tojais galaico-portugueses.

Quadro 1. Habitats naturais e semi-naturais do Sítio de Importância Comunitária Serra d'Arga (constantes do anexo B-I do Decreto-lei n.º 49/2005)

3260	Cursos de água dos pisos basal a montano com vegetação da <i>Ranunculion fluitantis</i> e da <i>Callitricho-Batrachion</i>
4020*	Charnechas húmidas atlânticas temperadas de <i>Erica ciliaris</i> e <i>Erica tetralix</i> (família das <i>Ericaceas</i> , nome comum: <i>Urze-carapaça</i> e <i>urze-peluda</i> , respectivamente)
4030	Charnecas secas europeias
6230*	Formações herbáceas de <i>Nardus</i> (gramínea de nome comum <i>servum</i>), ricas em espécies, em substratos siliciosos das zonas montanas (e das zonas submontanas da Europa continental)
6510	Prados de feno pobres de baixa altitude (<i>Alopecurus pratensis</i> , <i>Sanguisorba officinalis</i>)
7140	Turfeiras de transição e turfeiras ondulantes
7150	Depressões em substratos turfosos da <i>Rhynchosporion</i>
8220	Vertentes rochosas siliciosas com vegetação casmofítica (vegetação que se fixa nas fendas das rochas ou muros)
8230	Rochas siliciosas com vegetação pioneira da <i>Sedo-Scleranthion</i> ou da <i>Sedo albi-Veronicion dillenii</i>
9230	Carvalhais galaico-portugueses de <i>Quercus robur</i> e <i>Quercus pyrenaica</i>

Merece também destaque a presença de turfeiras de transição ou ondulantes nas pequenas depressões e bases de vertente onde os solos são mal drenados devido à acumulação ou escorrência lenta das águas superficiais e sub-superficiais. Nestas turfeiras verifica-se a fixação de musgos, especificamente da espécie *Sphagnum* (nome comum: musgão ou leiva), de biótopos higroturfosos com vegetação pioneira, assim como de urzais e tojais de montanha. Assinale-se ainda a ocorrência de tojais e urzais-tojais galaico-portugueses.

A nível faunístico, o Sítio Serra d'Arga emerge como uma zona importante para a conservação de várias espécies ameaçadas, tais como a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*) no Rio Âncora e diversas espécies piscícolas migratórias, com especial ênfase para o salmão (*Salmo salar*). Sublinhe-se ainda que esta área constitui a zona mais ocidental de distribuição do lobo-ibérico (*Canis lupus*) em Portugal.

Segundo o levantamento da ocupação do solo à escala nacional, realizado no âmbito do projecto comunitário Corine Land Cover 2000 (Quadro 2; Figura 3), evidencia-se que cerca de 30% da área em

estudo é presentemente ocupada por matos e espaços de vegetação degradada. Esta percentagem reflecte, por um lado, a pobreza dos solos nas vertentes declivosas situadas em altitudes elevadas e, por outro lado, os impactos do pastoreio excessivo, das queimadas agrícolas e dos incêndios florestais que têm assolado a Serra d'Arga (entre 1990 e 2003 ardeu 40% da área do maciço montanhoso central).

Quadro 2. Ocupação do solo na Serra d'Arga

Ocupação do solo	Área (km ²)	%
Matos e espaços de vegetação degradada	81.00	30.20
Florestas de resinosas	71.02	26.48
Culturas anuais associadas às culturas permanentes	38.14	14.22
Espaços agro-pecuários integrados em áreas naturais	29.81	11.11
Rocha a nu	16.79	6.26
Florestas mistas	14.20	5.30
Tecido construído e infra-estruturas	7.96	2.97
Culturas anuais de regadio	5.46	2.04
Florestas de folhosas	2.16	0.80
Culturas anuais de sequeiro	0.56	0.21
Extracção mineira	0.54	0.20
Linhas de água, planos de água e estuários	0.46	0.17
Ecossistemas litorais, lacustres e estuarinos	0.07	0.03
Total	268.18	100.00

Fonte: Corine Land Cover 2000

A floresta de resinosas corresponde a mais de 25% da área total, em resultado do cultivo intensivo de pinhais, predominantemente sob a forma de povoamentos puros. Consta-se que a área sob intervenção da actividade florestal, que circunda parcialmente o maciço granítico da Serra d'Arga abaixo da cota dos 400 metros de altitude, está colonizada por pinheiro e eucalipto (*Pinus pinaster* e *Eucalyptus globulus*), começando já a ser invadida por espécies exóticas do género das acácias, em consequência dos fogos florestais. As florestas mistas e as florestas de folhosas apresentam percentagens residuais. Na verdade, os carvalhais galaico-portugueses praticamente desapareceram, subsistindo apenas pequenos bosquetes na proximidade das áreas agricultadas e linhas de água.

Os espaços agro-pecuários integrados em áreas naturais que representam uma área de cerca de 30 Km² (11% da área total) dominam o nível altitudinal compreendido entre os 550 e os 400 metros, correspondendo, grosso modo, à área de implementação dos principais aglomerados serranos, designadamente as três argas. Respeitam, portanto, ao espaço de fixação das comunidades agrícolas de montanha, onde sobressaem os prados de feno pobres de baixa altitude e pequenos bosquetes de carvalhais galaico-portugueses. Ressalve-se que o abandono das práticas agrícolas tradicionais constitui uma ameaça à preservação dos prados de feno.

A nível agrícola, evidencia-se a expressão territorial das culturas anuais associadas às culturas permanentes, com uma área de 38.14 Km² (14.22% da área do total), localizada entre os 400 / 300m de altitude e a cota dos 200m/100 m, sendo esta faixa variável em função das diferentes vertentes serranas. De modo genérico, este uso do solo associado à agricultura não especializada encontra-se difundido nas encostas situadas entre o maciço granítico central e as margens fluviais que delimitam o bloco montanhoso da Serra d'Arga.

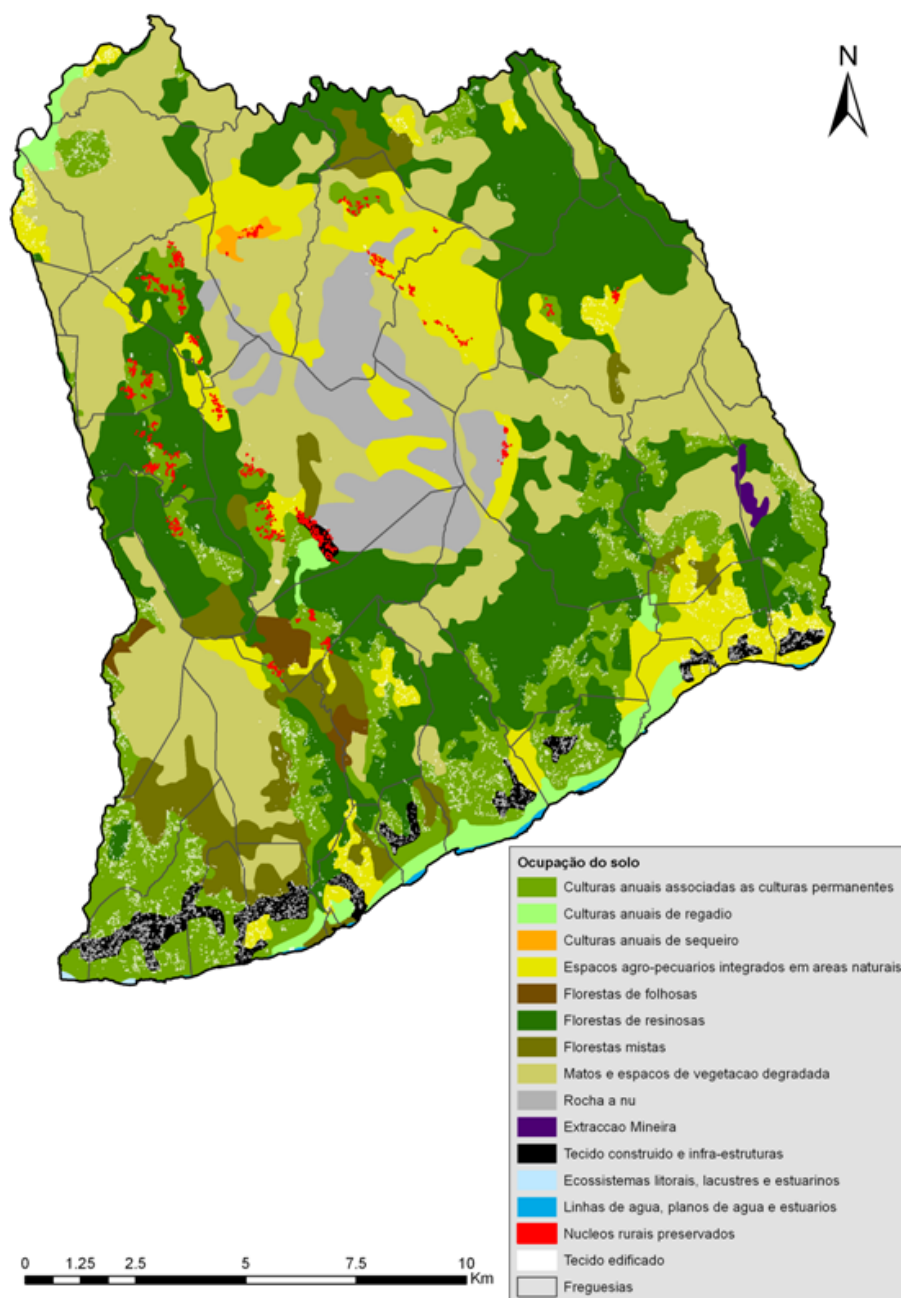


Figura 3. Ocupação do solo na Serra d'Arga

As culturas anuais de regadio, concentradas essencialmente no vale do rio Âncora e na veiga do rio Lima, apresentam uma área claramente superior às culturas anuais de sequeiro, presentes essencialmente nos solos aráveis das rechãs tectónicas de meia-encosta. No maciço montanhoso da Serra d'Arga predomina a pecuária extensiva em terrenos baldios, sobretudo de gado bovino e equino, com recurso a espécies autóctones, realizando-se também o pastoreio de gado caprino e ovino. No vale do Âncora, coexistindo com a tradicional policultura de auto-subsistência, individualiza-se a especialização em bovinos de leite e hortofloricultura. Na veiga do rio Lima, a cultura do milho forrageiro é hegemónica, possibilitando, no entanto, a produção herbácea para forragem durante os meses de Inverno.

Os ecossistemas estuarinos e as comunidades vegetais rípicolas encontram-se fortemente degradados. As margens do rio Âncora estão ocupadas por terrenos agrícolas e manchas florestais de resinosas e eucaliptos. O bosque ribeirinho preservado encontra-se extremamente restrito e contaminado por espécies exóticas invasoras. Do mesmo modo, as margens do Lima, que apresentam solos excepcionalmente férteis, estão sujeitas a uma intensa pressão pelos usos agrícola, urbano e recreativo.

A área aproximada de 17km² de rocha a nu corresponde ao maciço da serra d'Arga, em que a vegetação arbórea está praticamente ausente. A pastorícia extensiva é a actividade dominante, o que, em conjunto com a elevada frequência de fogos, levou ao desenvolvimento de uma vegetação arbustiva baixa (tojais e urzais-tojais). Relembre-se a importância das turfeiras e mosaicos higrófitos no planalto culminante da Serra á cota dos 700 – 800 metros.

Uma vez analisada a dimensão geomorfológica, ecológica e de ocupação do solo da Serra d'Arga, a interpretação do seu diversificado mosaico paisagístico estaria completa sem a observação das diferentes matrizes de povoamento presentes neste espaço.

Sublinhe-se que a presença do Homem foi decisiva na modelação da paisagem serrana, desde a época pré-histórica até à actualidade. A ocupação multissecular da Serra d'Arga é testemunhada por vestígios arqueológicos megalíticos, castrejos (Idade do Ferro) e romanos (estradas, pontes e explorações de jazidas minerais), assim como por um vasto património edificado, essencialmente de cariz religioso, da idade medieval. Os núcleos rurais preservados assinalados no mapa 3 comprovam a continuidade da presença de numerosas comunidades agro-pastoris na área serrana em épocas mais recentes. De modo contrastante, as freguesias situadas na margem direita do rio Lima exibem ainda hoje um valioso legado da estrutura feudal medievá, sendo os numerosos solares brasonados e paços, associados a grandes quintas agrícolas, o património que sobreviveu à passagem dos séculos.

Na verdade, a identidade paisagística da Serra d'Arga define-se, antes de mais, por ser uma paisagem profundamente humanizada, construída e reconstruída pelo Homem, onde os elementos naturais foram alvo de um longo processo de transformação em função das opções de gestão do território e ocupação do espaço tomadas pelas sucessivas comunidades que se fixaram na Serra d'Arga. Enquanto que nas áreas de vale dos rios Lima e Âncora, a actividade agro-pecuária, associada a um povoamento disperso,

compartimentou e artificializou quase por completo o espaço, no maciço montanhoso da Serra d'Arga a pastorícia tem sido o principal agente modelador da paisagem serrana.

O povoamento de matriz rural que se desenvolve na veiga do Lima, compreendendo o sector aplanado de baixa altitude das freguesias marginais ao rio², caracteriza-se, antes de mais, pelo seu elevado grau de dispersão. Este modelo de povoamento disperso embora englobe alguns lugares de maior dimensão e densidade do tecido edificado, consiste essencialmente numa mancha de ocupação humana quase contínua, interrompida apenas pelas parcelas agrícolas fortemente segmentadas. As habitações rurais, de que se destacam as solarengas, surgem inseridas numa trama pouco organizada de campos de cultivo.

Paralelamente, na área serrana, subsiste a herança da cultura castreja e o seu modelo histórico de povoamento, o castro, frequentemente muralhado e de carácter defensivo, que define a concentração das populações nos pontos estrategicamente elevados dos complexos montanhosos.

Os castros subsistem ao domínio romano, tendo frequentemente continuidade até à Idade Média. O reduto da Cultura Castreja nas áreas de maior altitude das montanhas do Noroeste de Portugal permanece durante as invasões romanas do século II a.C. Os povoamentos romanos instalam-se essencialmente nas áreas de vale de menor altitude, próximas às linhas de água, com uma morfologia menos acidentada e dotadas de solos mais profundos e mais férteis (Castro e Caldas, 1991).

Ainda na actualidade, o cunho paisagístico do modelo castrejo de concentração defensiva se reflecte no povoamento da Serra d'Arga, alicerçado num sistema de lugares isolados de pequena dimensão, perfeitamente individualizados entre si. A sua base económica agro-pastoril e silvícola e a sua organização fundiária evidenciam igualmente reminiscências do comunitarismo da civilização castreja, patentes na exploração comunitária de terrenos baldios e serranos.

2.2. Diagnóstico da evolução socioeconómica da Serra de Arga na segunda metade do século XX.

As diferentes unidades paisagísticas da Serra d'Arga, anteriormente caracterizadas, apresentam igualmente perfis distintos no respeito á dinâmica demográfica e socioeconómica.

A figura 4 expressa claramente os contrastes existentes entre a tendência de crescimento populacional na Veiga do Lima ao longo da segunda metade do século XX e a perda de população vivenciada nas freguesias serranas de meia-encosta. Já as freguesias do maciço montanhoso central da Serra d'Arga evidenciam um decréscimo populacional menos vincado. Naturalmente, que esta aparente tendência de

² St.^a Marta de Portuzelo, Cardielos, Serraleis, Lanheses, Fontão, Torre, Vila Mou, Bertlandes, Sá, St.^a Comba, São Pedro d'Arcos, Arcozelo e Moreira do Lima

maior estabilidade dos quantitativos populacionais observada no último caso é influenciada pelo facto do número inicial de residentes apresentar valores muito inferiores aos demais grupos de freguesias.

O mapa 5 oferece uma perspectiva diacrónica da evolução da densidade do tecido edificado por sub-secção estatística entre 1945 e 2001. A análise desta sequência cartográfica permite concluir que entre 1945 e 1970 se verifica um aumento da densidade do tecido edificado, centrado maioritariamente nas sub-secções da Veiga do Lima. Entre 1971 e 1990 assiste-se a um reforço maioritariamente nas sub-secções da Veiga do Lima.

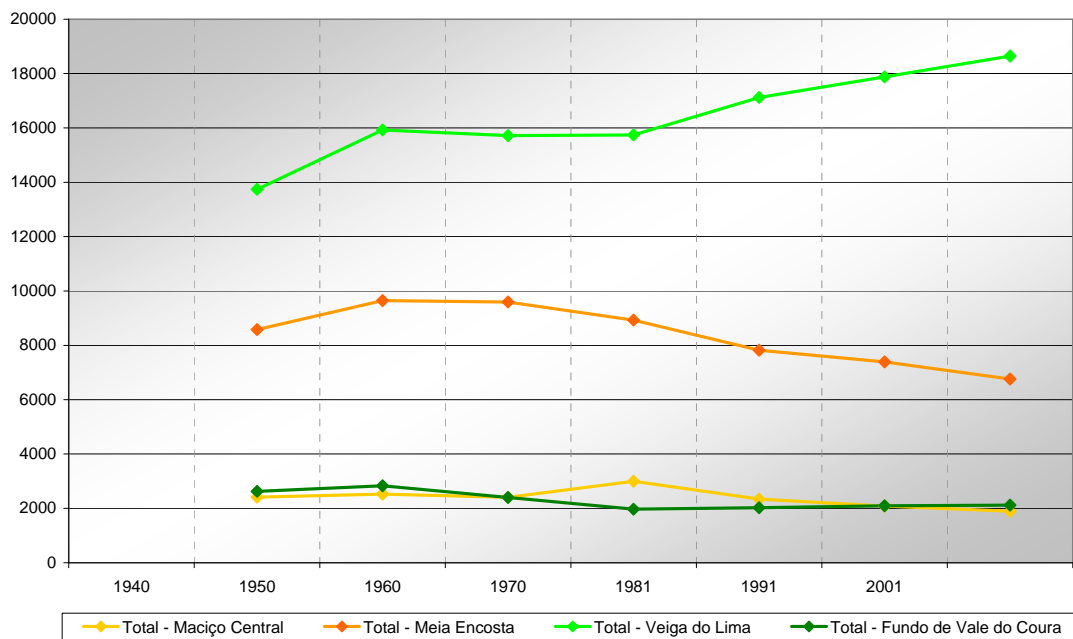


Figura 4. Evolução da população residente na Serra d'Arga, por agrupamentos geográficos de freguesias entre 1940 e 2001

Entre 1971 e 1990 assiste-se a um reforço da densidade da malha urbana nas freguesias ribeirinhas, ocorrendo em paralelo o incremento da construção em algumas freguesias de meia-encosta e do maciço montanhoso central, particularmente no alinhamento de Dem, Gondar, Orbacém, Amonde e Montaria. Na última década do século XX, acentua-se a densificação do edificado nas sub-secções ribeirinhas próximas aos dois principais aglomerados urbanos polarizadores da região: Viana do Castelo e Ponte de Lima.

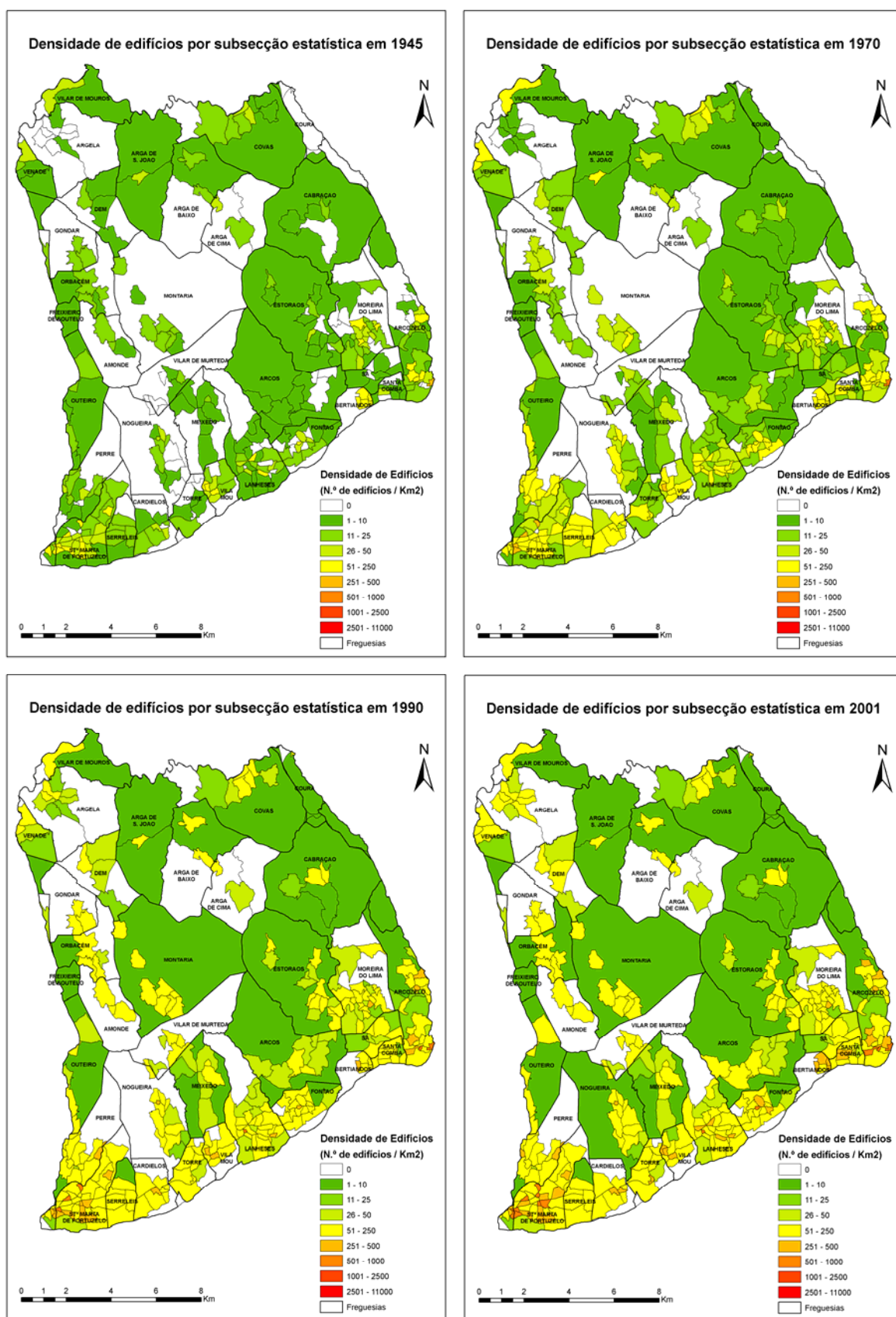


Figura 5. Evolução da densidade dos edifícios por sub-secção estatística na área da Serra d'Arga

3. Plano de Marketing

Como introdução ao ponto 3, procedemos à definição clara do conceito de produto turístico e dos objectivos que se pretende alcançar com uma estratégia de marketing para a Serra d'Arga, que deverão constituir as linhas mestras de orientação deste plano.

Apresentamos seguidamente a definição de produto turístico, segundo Josep Francesc Valls (1996):

“El produto turístico se presenta como um conglomerado, uma amalgama, uma constelación de elementos tangibles e intangibles em particular. Entre los elementos tangibles se hallan los bienes, los recursos, las infraestructuras y los equipamientos; entre los intangibles, se cuentan los servicios, la gestión, la imagen de marca y el precio”

Partindo deste conceito, acreditamos que, apesar da inexistência de uma marca *Serra d'Arga* forte, este espaço geográfico apresenta características singulares que possibilitam o aparecimento de um produto turístico, associado à região, único e distinto dos demais concorrentes.

A Serra d'Arga é uma realidade física e histórica que apresenta diversas potencialidades a nível turístico, não existindo, no entanto, uma definição clara de um produto turístico cuja oferta esteja organizada a nível da administração territorial e empresarial.

Assim, partindo do diagnóstico dos elementos de valor turístico que a Serra tem para oferecer, propormo-nos a conceber uma identidade unívoca do produto turístico “Serra d'Arga”, algo que ainda não foi feito, enquadrando-o na sua envolvente territorial e competitiva.

A definição da identidade do produto revela-se essencial à orientação dos potenciais consumidores, a fim de que consigam diferenciar facilmente as várias ofertas disponibilizadas pelo mercado.

Assim, elegemos os objectivos de marketing seguidamente descritos:

- Tornar a Serra d'Arga uma marca turística forte, com notoriedade, cujos valores reflectam qualidade do produto turístico e singularidade, apostando, para isso, na diferenciação através do aproveitamento das especificidades locais / regionais.
- Identificar e divulgar os diferentes produtos turísticos que podem ser oferecidos pela Serra d'Arga.
- Aumentar a procura turística na região da Serra d'Arga, em quantidade e em qualidade, de forma a tornar a actividade turística mais rentável através de um gasto médio superior por parte dos futuros turistas.
- Criar condições para a promoção da Serra d'Arga através de uma plataforma transversal, integrada numa estratégia regional (no seio, por exemplo, da Região de Turismo do Alto Minho) e nacional para o turismo, ao invés de incentivar uma auto-promoção alargada que, tendo em conta

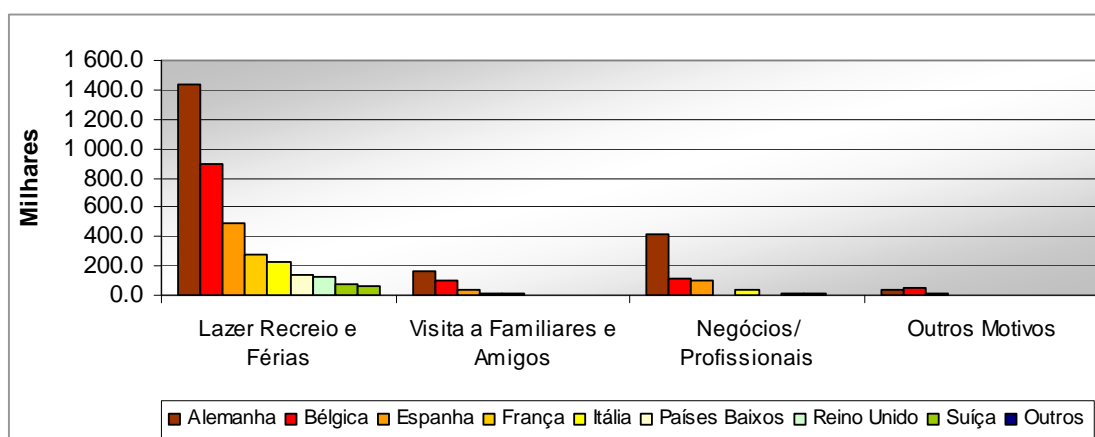
as limitações financeiras da região e a sua pequena dimensão nunca poderia atingir um grande número de pessoas, não tendo assim um significativo impacto real.

- Captar fluxos turísticos e públicos diversificados através de uma estratégia promocional articulada entre os vários concelhos que integram a Serra d'Arga.
- Tornar a Serra d'Arga uma opção na mente de potenciais turistas na hora destes decidirem o destino de férias, quer sejam nacionais, quer não.
- Criar condições para atrair investimento público e privado direccionado para o desenvolvimento da oferta turística da Serra a nível de infra-estruturas e serviços.

3.1 - Análise de mercado: dinâmicas de oferta e procura turística.

A concepção de um documento estratégico para o sector turístico tem forçosamente de partir de uma análise de mercado, principiando pela caracterização dos fluxos turísticos já existentes na envolvente regional do objecto no nosso estudo.

Assim, neste ponto iremos procurar conhecer melhor a dimensão e características do mercado a que o presente plano de marketing se direcciona. Para tal, revela-se imprescindível traçar o perfil demográfico e socioeconómico dos potenciais consumidores do produto turístico Serra d'Arga.

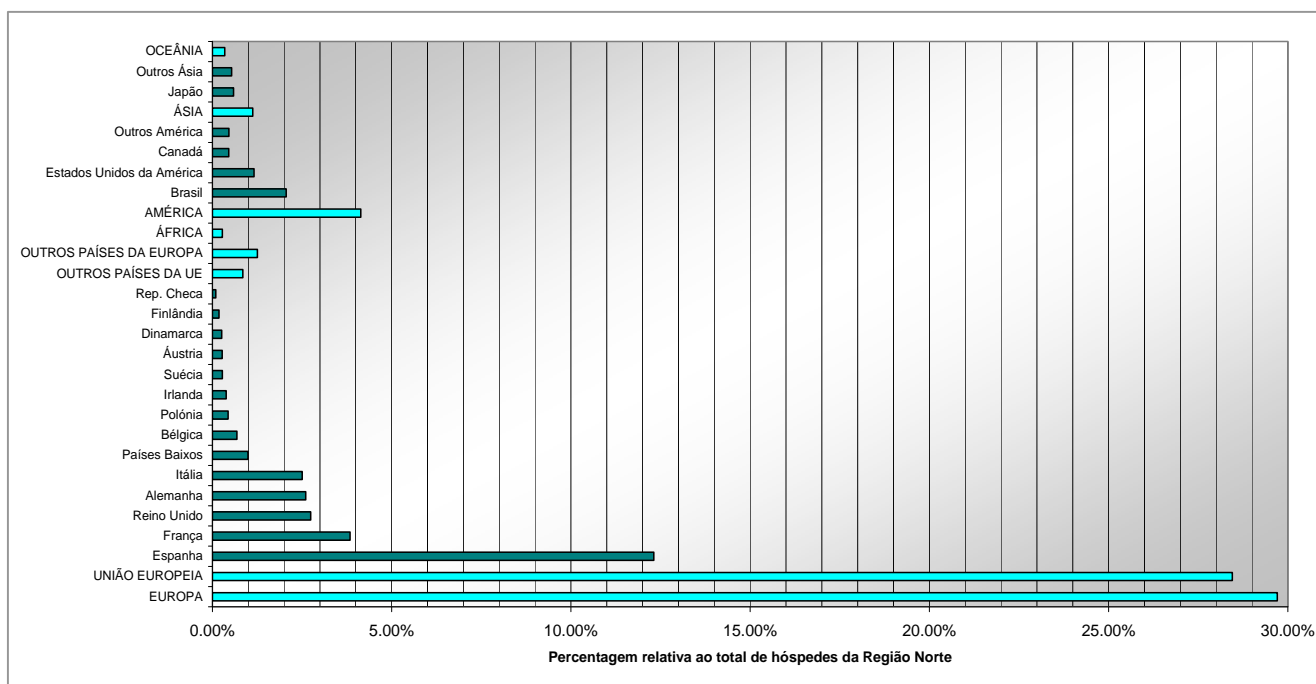


Fonte: INE - Inquérito ao Movimento de Pessoas nas Fronteiras - 2007

Figura 6. Entrada de turistas não residentes, por país de residência habitual, segundo o motivo principal da deslocação (2007)

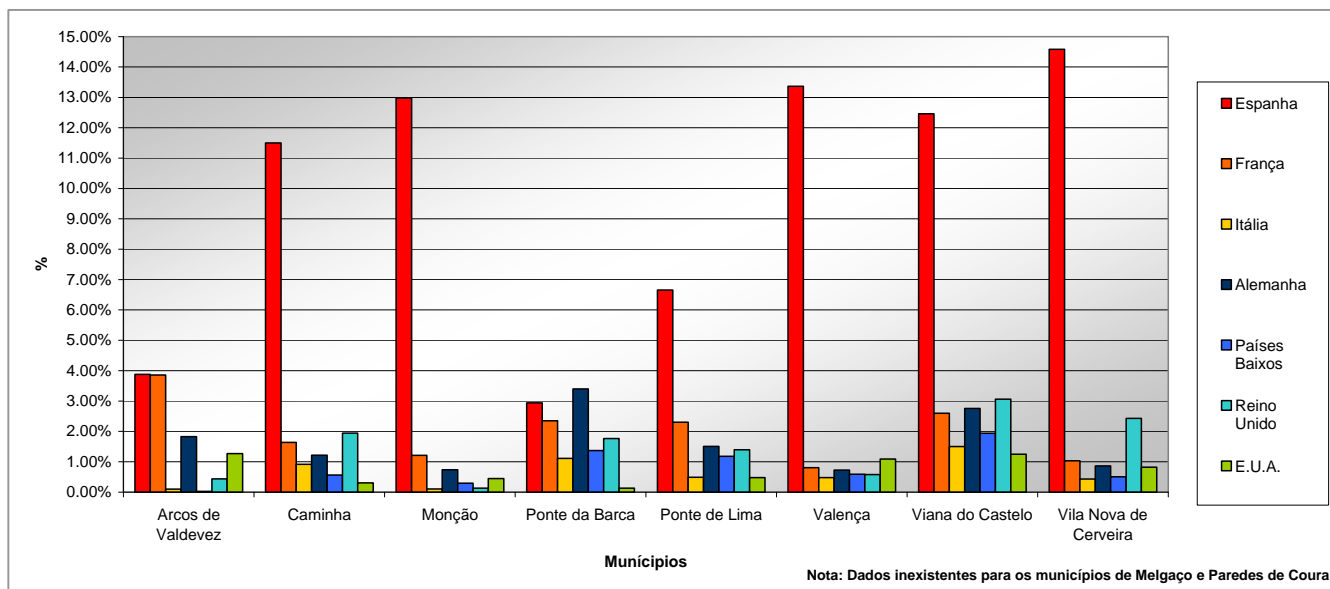
A figura 6 demonstra que o principal motivo de entrada de turistas, não residentes, em Portugal é o *Lazer, Recreio e Férias*, com 3 732.8 milhares de turistas. Estes números são particularmente relevantes se pensarmos que é pouco provável que um número significativo de turistas estrangeiros procurem a região do Alto Minho sem que primeiro se interessem pelo país em geral, pelo que este valor constitui uma estimativa que reflecte um vasto grupo de potenciais consumidores do produto turístico da Serra d'Arga – os cidadãos estrangeiros que já procuram Portugal para passar férias.

De acordo com a figura 7, a grande percentagem de turistas que se dirigem ao Norte de Portugal são provenientes da União Europeia (UE), 28.5%, salientando-se de forma clara a Espanha. Com uma importância secundária, destacam-se os turistas com residência habitual na França, Reino Unido, Alemanha e Itália. Os demais países que integram a UE, assim como os não comunitários apresentam percentagens residuais. O continente americano é detentor de uma procura total de 4,1%, com especial relevo para os Estados Unidos da América e Brasil. Os fluxos turísticos com origem no continente africano e asiático não são significativos.



Fonte: INE – Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros dados na Hotelaria 2007

Figura 7. Percentagem de hóspedes estrangeiros, por país de residência habitual, na Região Norte, em 2007.



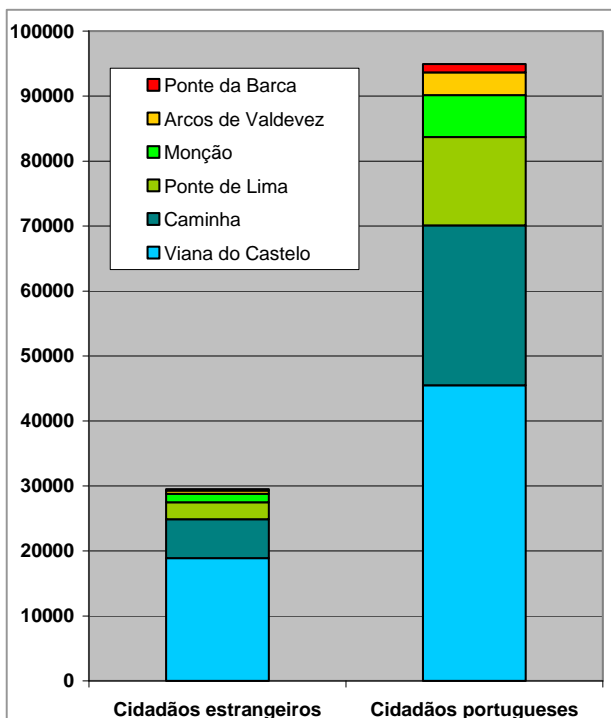
Fonte: INE, Portugal, 2007, Anuário Estatístico da Região Norte 2006.

Informação disponível até 30 de Setembro de 2007.

Figura 8. Hóspedes segundo o país de residência habitual, por município, na NUT III Minho – Lima, em 2006 (selecção dos principais países à excepção de Portugal)

A análise da figura 8 evidencia que percentagem total de hóspedes estrangeiros na NUT III Minho-Lima, na qual se insere a Serra d'Arga, se situa na ordem dos 35%, o que nos permite inferir que a proporção de turistas nacionais é de aproximadamente dois terços.

Salientam-se, de igual modo, o município de Viana do Castelo com a procura turística mais elevada, seguido dos concelhos de Caminha e Valença com cerca de 67500, 31000 e 25850 turistas, respectivamente.



Fonte: INE, Anuário Estatístico da Região Norte 2006.

Figura 9. Hóspedes nacionais e estrangeiros, na NUT III Minho-Lima, por município, em 2006.

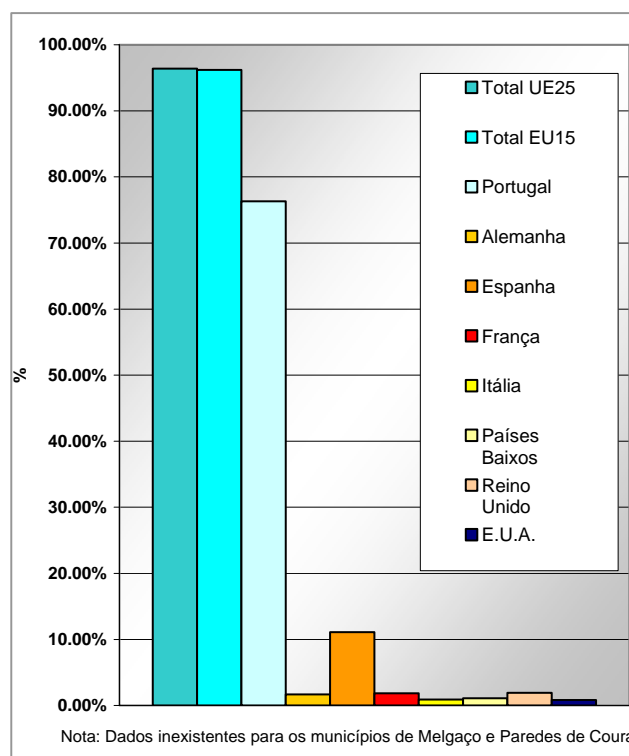
Atentando na distribuição da procura turística por concelho, em função do país de residência habitual (fig.10), constata-se o peso esmagador dos hóspedes com origem em Espanha, destacando-se com menor expressão o número hóspedes proveniente de França, Alemanha e Reino Unido.

Em virtude da importância do Turismo em Espaço Rural no quadro da oferta turística da Serra d'Arga, é imprescindível considerar nesta análise de mercado a procura turística que se direcciona especificamente a esta modalidade turística.

Na figura 9 é interessante notar que a procura por parte de Turistas da União Europeia a 25 é praticamente a mesma à da UE a 15 no conjunto dos concelhos da NUT III Minho – Lima.

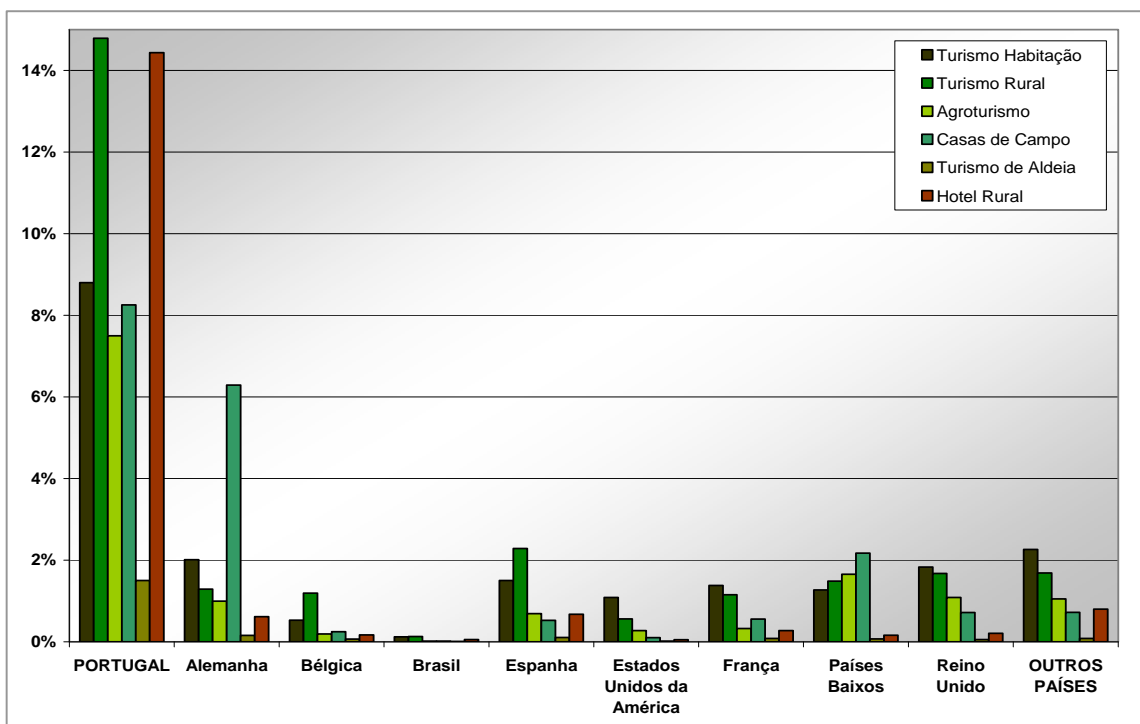
Daqui se depreende que os últimos dez países que aderiram à UE, na sua maioria países do Leste Europeu, não procuram esta região para fins turísticos e recreativos.

De facto, os países do Leste Europeu, são um potencial mercado por explorar.



Fonte: INE, Anuário Estatístico da Região Norte 2006.

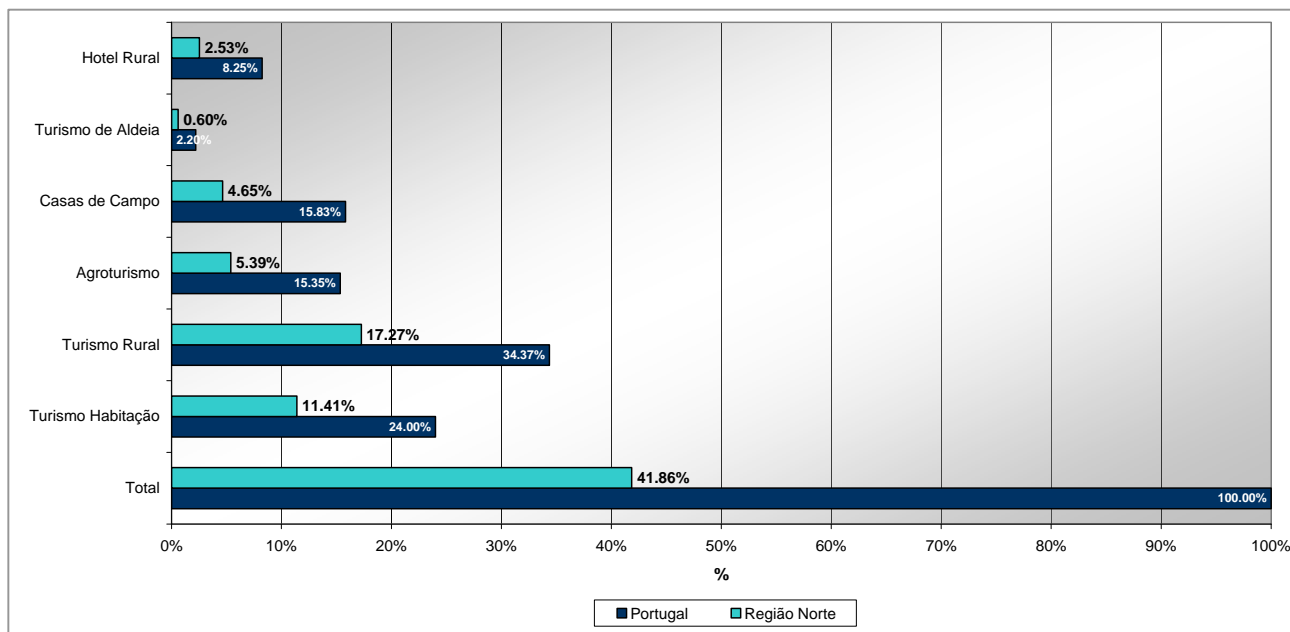
Figura 10. Hóspedes segundo área de residência habitual, na NUT III Minho-Lima, em 2006.



Fonte: ITP – Inquérito às Unidades do Turismo no Espaço Rural 2007

Figura 11. Dormidas no TER, segundo as modalidades, por países de residência habitual em 2007

Relativamente ao Turismo em Espaço Rural (fig. 11), é claro o predomínio da procura por parte de cidadãos nacionais, com preferência das modalidades de turismo rural e hotel rural, em detrimento dos turistas estrangeiros, que, por sua vez, revelam especial interesse pelas modalidades de casas de campo e turismo de habitação, reflectindo, provavelmente um maior poder de compra. Merece também referência o potencial dos mercados espanhol e do conjunto de países da Europa Central (Alemanha, Reino Unido e Países Baixos).



Fonte: INE; ITP – Inquérito às Unidades do Turismo no Espaço Rural 2007

Figura 12. Capacidade de alojamento no TER, segundo as modalidades em 2007

A expansão do TER pode ser uma forte aposta para o desenvolvimento turístico da região que tenta, desta forma, ir ao encontro das necessidades de um segmento de mercado que anseia por um contacto próximo com a ruralidade própria deste território. Não podemos deixar de referir a este respeito, que a Região Norte oferece cerca de 40% da capacidade de alojamento total em unidades TER à escala nacional, localizando-se grande parte desta oferta na região do Alto Minho.

O enquadramento concorrencial do produto turístico Serra d'Arga e a análise do seu potencial competitivo revela-se fundamental no quadro da concepção de um plano de marketing.

O Parque Nacional Peneda-Gerês, quer pela sua proximidade geográfica, quer pela sua qualidade ambiental, ecossistémica e paisagística, é o destino turístico que representa a principal fonte de concorrência à Serra d'Arga.

Entre as principais ameaças colocada por este concorrente salientam-se os seguintes aspectos:

- Proximidade entre ambos;
- Dimensão do Parque Nacional Peneda-Gerês;
- Estatuto de Parque Nacional;
- Imagem de marca já difundida no mercado;
- Amplo reconhecimento dos valores ambientais;
- Prática já organizada de turismo ambiental e de aventura.
- Oferta de alojamento e de outros serviços de apoio às actividades de turismo e lazer mais diversificada e organizada.

Diagnosticado o maior concorrente da Serra d'Arga, urge definir uma estratégia para ultrapassar esta ameaça, potenciando os pontos fortes da serra:

- Excelentes condições de acessibilidade;
- Enquadramento geográfico privilegiado entre o litoral e a veiga do rio Lima;
- Singularidade da paisagem construída e humanizada e grande riqueza do património material e imaterial de ordem arqueológica, histórica e cultural;
- Turismo menos massificado do que no Parque Nacional Peneda-Gerês;
- Factor “*novidade*”.

Atente-se ainda que a Serra d'Arga é um produto turístico em fase definição e afirmação, encontrando-se, por isso, subaproveitado. Daqui se conclui que o seu potencial de expansão é grande, apesar da concorrência existente.

Neste contexto, é interessante reflectir sobre a oportunidade de crescimento que resulta da complementaridade entre espaços contrastantes: Serra; Mar e Veiga.

Na área envolvente da Serra d'Arga existem quatro grandes zonas diferenciadas a nível de identidade turística dentro da Região de Turismo do Alto Minho:

- Os concelhos / vilas litorais (Viana do Castelo, Vila Praia de Âncora, Caminha, Vila Nova de Cerveira) cuja principal vocação é o turismo balnear. Porém, não podemos esquecer que V. N. de Cerveira se distingue pelo turismo cultural devido à projecção internacional do evento artístico *Bienal de Cerveira*;
- Os concelhos raianos (Valença, Monção, Melgaço), com vilas muralhadas e castelos defensivos devido à proximidade da fronteira, que possuem um importante património edificado de valor histórico;
- Paredes de Coura e Vilar de Mouros, cuja difusão se deve à organização dos festivais de música de Verão;
- O concelho de Ponte de Lima e a parte oriental do concelho de Viana do Castelo, ricos em património edificado medieval (igrejas, pontes, solares brasonados, grandes quintas senhoriais).

O turismo motivado pelos valores históricos, religioso, ruralidade e gastronomia encontra-se difundido por toda a Região do Alto Minho.

Distinguem-se, portanto, quatro ofertas turísticas na envolvente da Serra d'Arga; sendo a promoção da complementaridade entre estes espaços e a serra uma potencial opção estratégica do sector turístico na Região do Alto Minho.

3.2. Potencial turístico endógeno da Serra d'Arga.

Enquadrada a Serra d'Arga no mercado turístico regional e situada em termos concorrenciais, debruçamo-nos agora sobre a definição precisa deste produto turístico, partindo da inventariação do seu vasto património ambiental e cultural de ordem material e imaterial e da identificação das suas principais fragilidades. Optamos por realizar uma análise do potencial turístico da serra compartimentada em função das diferentes modalidades de turismo que esta poderá oferecer.

Turismo cultural.

O património arqueológico e histórico (fig. 13) relativo à ocupação castreja e à exploração mineira (figura 15) das épocas romana, medieval e contemporânea é um potencial turístico completamente por aproveitar. Este património não está devidamente sinalizado, não se encontra preservado e não existe qualquer tipo de divulgação para além do meio académico.

Nesta modalidade turística destacam-se ainda os seguintes pontos fortes:

- Núcleos rurais preservados;
- Iniciativa Arte na Leira,
- Lendas e mitos (imaginário popular transmitido pela tradição oral);
- Actividades artesanais (tecelagem, cantaria, trabalho de metais – ferro forjado, bordados, confecção de trajes tradicionais);
- A música e o folclore tradicional;
- Gastronomia específica (sarapatel, “*cabrito à Serra d'Arga*”);

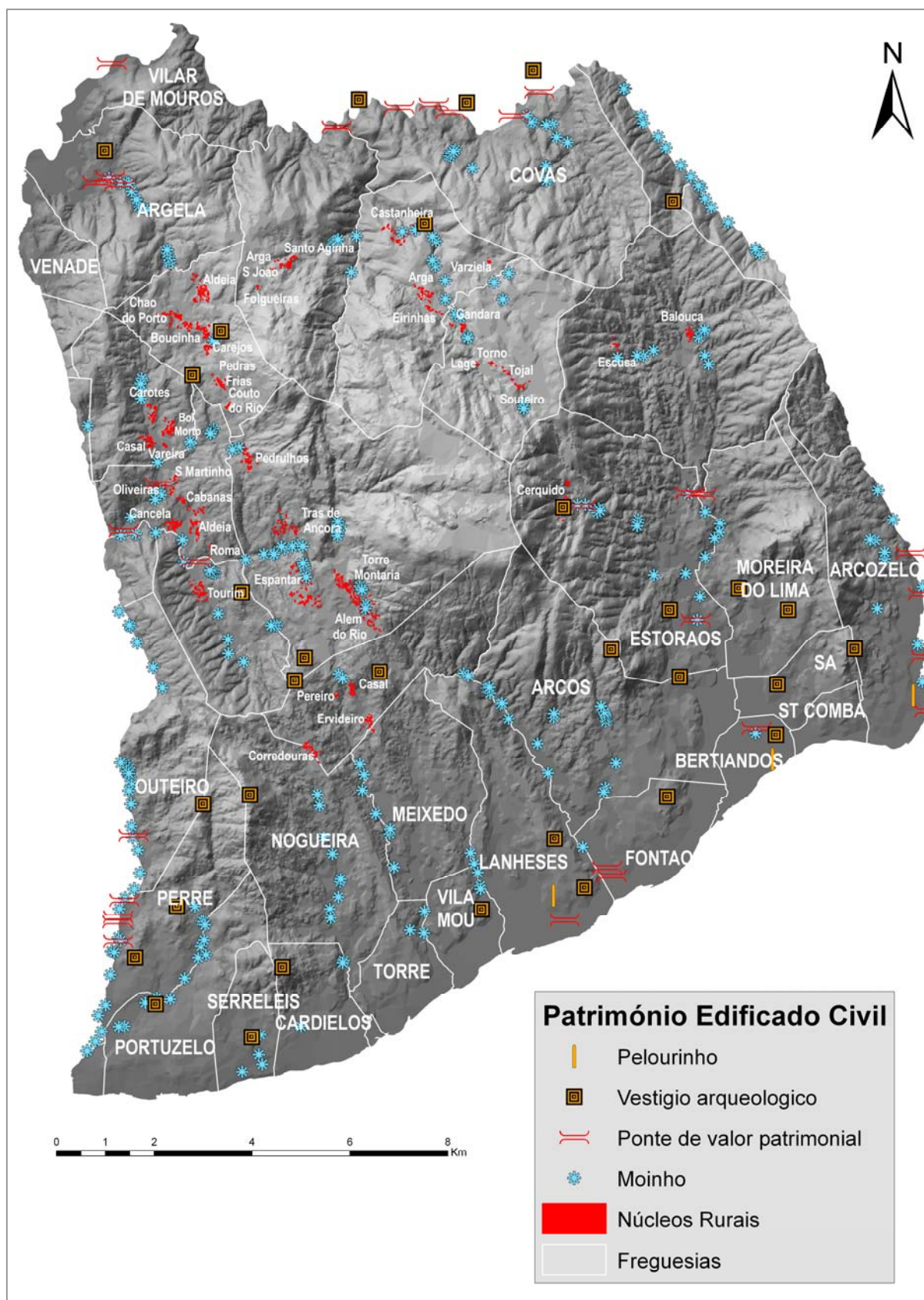


Figura 13. Património edificado civil da Serra d'Arga.

Turismo Religioso.

Como é visível na figura 14, a Serra d'Arga apresenta um valioso e diversificado património de cariz religioso. São numerosas as igrejas, capelas, cruzeiros e alminhas de reconhecido valor histórico e arquitectónico, datadas de diferentes períodos históricos e reflectindo os estilos de cada época. Existem interessantes exemplares do estilo românico e barroco que se encontram classificados pelo seu valor patrimonial.

O mosteiro de S. João de Arga, apesar de não estar muito degradado, carece de medidas urgentes de preservação e/ou valorização.

Note-se ainda que a Serra de Arga é uma importante área de passagem dos Caminhos de Santiago, existindo três percursos diferentes que vão de Barcelos em direcção a Tui: dois destes têm trajectos limítrofes à serra, mas existe um terceiro, menos divulgado, que cruza o interior da serra. Este último trajecto está pouco estudado e difundido. A sua publicitação e animação poderiam atrair mais turistas ao núcleo central da Serra d'Arga, apresentando a mais-valia de atravessar áreas interessantes sob o ponto de vista natural e paisagístico.

Touring e pedestrianismo em espaço de montanha.

A antiga rede de caminhos rurais existente na Serra d'Arga, aliada ao seu valor cénico e ambiental, constitui um interessante recurso para a organização de actividades de exploração paisagística e cultural da serra. Existe já um conjunto de trilhos pedestres, indicados por setas de montanhismo em vários pontos da serra. Apesar de meritória, esta iniciativa de marcação de trilhos e organização de percursos temáticos apresenta várias deficiências que necessitam de ser colmatadas. Não existe uma plataforma que permita a gestão e divulgação centralizada das rotas e percursos da Serra d'Arga. Estes são promovidos de forma informal por associações de voluntários ou empresas de turismo activo. O Centro de Interpretação da Serra de Arga não disponibiliza mapas dos percursos e guias para acompanhar os turistas enquanto serviço de apoio às actividades de desporto e lazer. O percurso dos trilhos encontra-se pouco sinalizado podendo levar a que os turistas se desviem do trajecto definido. A manutenção dos trilhos é insuficiente ou inexistente, pelo que muito se encontram intransitáveis, estando cobertos de mato e silvas.

Turismo em Espaço Rural.

A oferta de serviços de alojamento e restauração para os turistas nas freguesias serranas é quase inexistente. A oferta hoteleira concentra-se essencialmente nas freguesias do sopé da serra, na margem direita do Rio Lima, área que apresenta uma forte densidade de unidades de Turismo em Espaço Rural, particularmente de Unidades de Turismo de Habitação.

Contudo, existem na área serrana de meia encosta, no seio dos principais núcleos rurais, numerosas casas antigas em xisto que já foram restauradas, apresentando grande potencial para alojamento turístico, caso os seus proprietários desejassem investir nessa actividade.

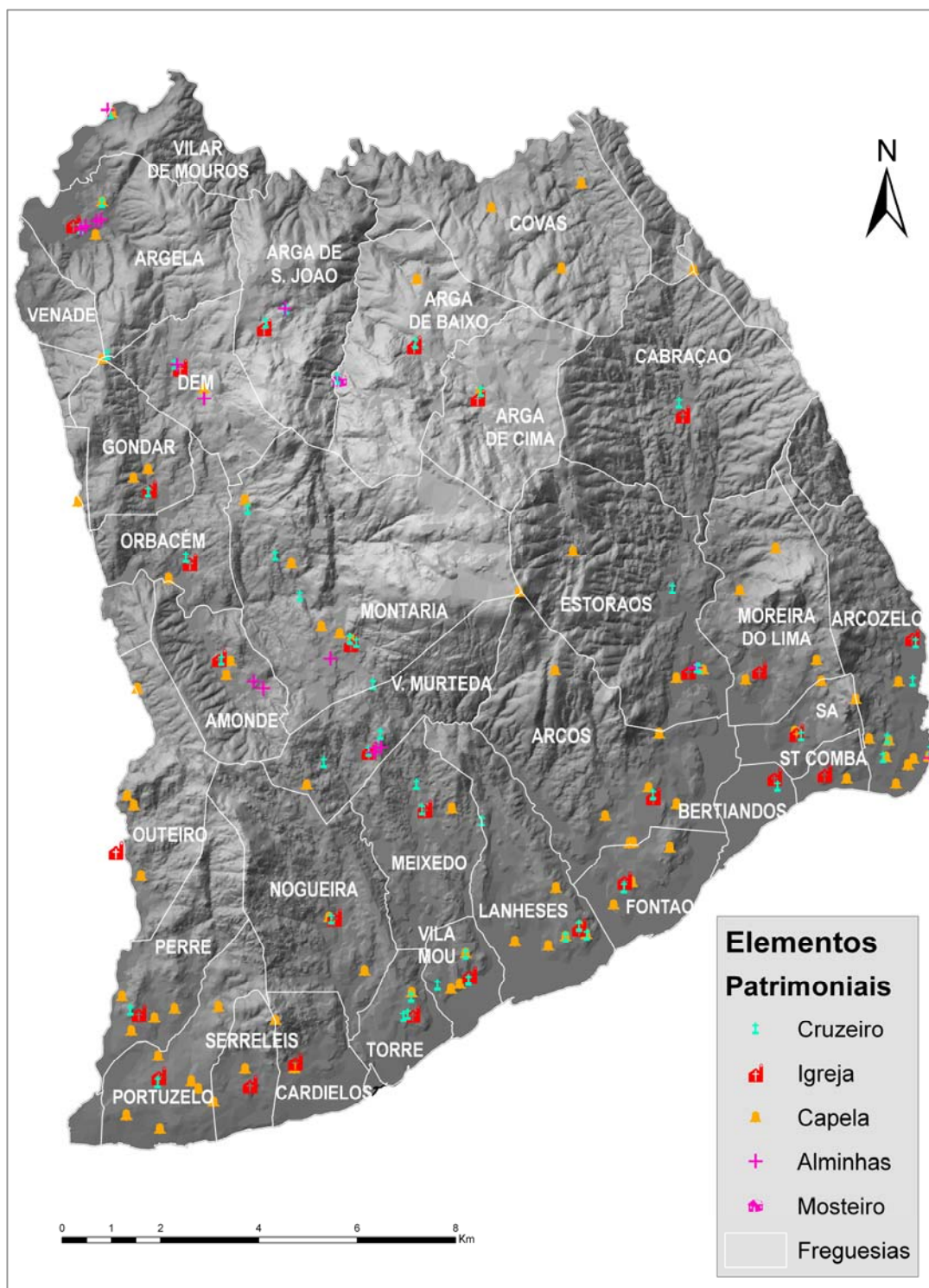


Figura 14. Património edificado civil da Serra d'Arga.

Turismo de Aventura.

A Serra d'Arga, pelas suas características geomorfológicas e pelas especificidades da rede hidrográfica, apresenta diversas possibilidades para a prática de turismo activo (fig. 15):

- Prática de canyoning no rio Âncora e na ribeira d'Arga, designadamente nas secções que apresentam maior encaixe e declive, onde surgem rápidos e quedas de água seguidos de pequenas “represas” naturais;

- Paredes rochosas de forte declive com condições para a realização de escalada;
- Uma extensa rede de antigos caminhos rurais que pode ser explorada para a prática de montanhismo ou como trilhos interpretativos de âmbito ecológico e histórico/cultural.
- Alguns destes trilhos apresentam características adequadas à prática de down-hill (forte declive, obstáculos, curvas fechadas).

Turismo ecológico.

No domínio do ecoturismo assumem especial relevância a *Paisagem Protegida da Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos* (fig. 15) e o facto do maciço montanhoso central da Serra d'Arga ter sido classificado como Sítio de Importância Comunitária, integrando a Rede Natura 2000.

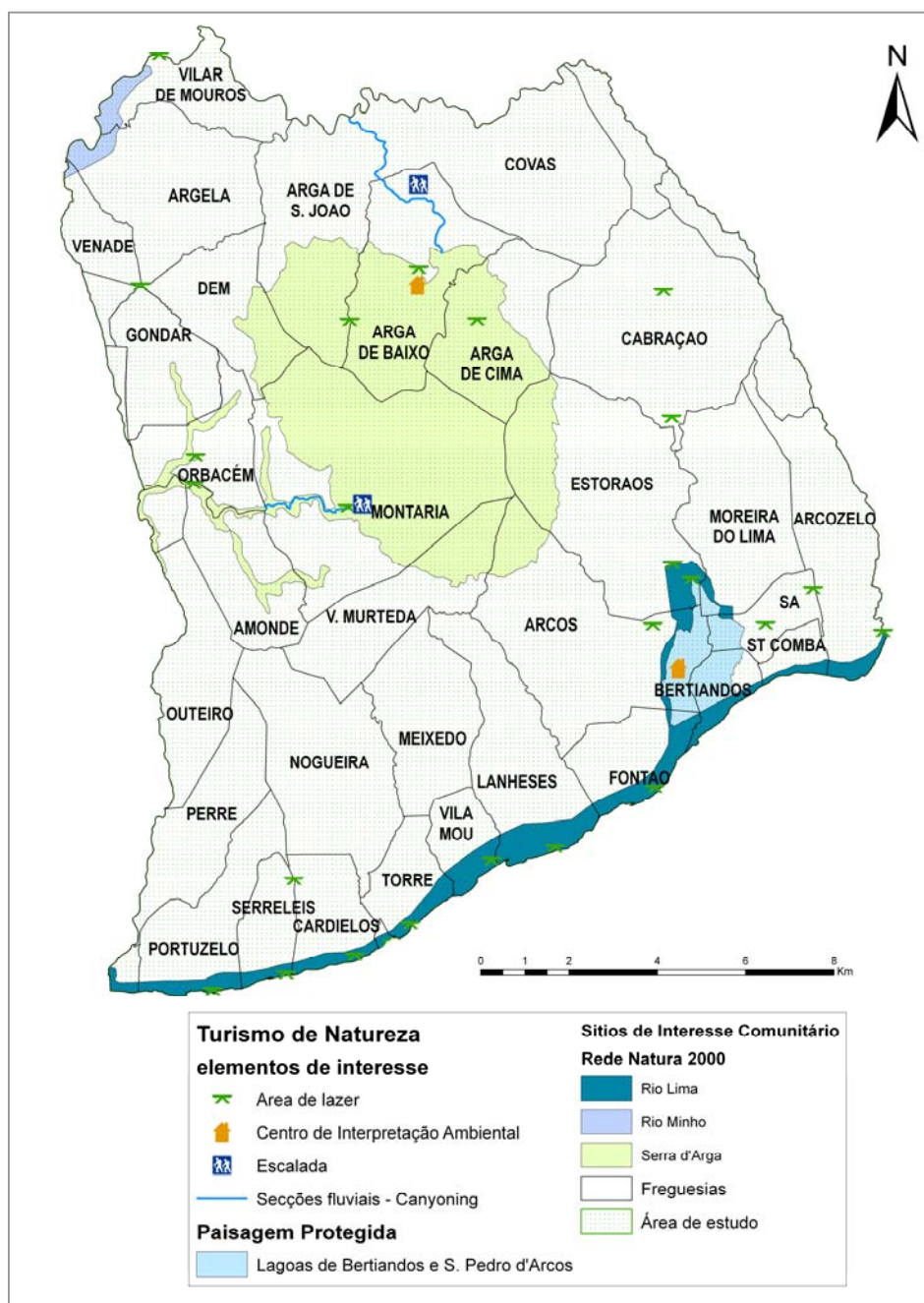


Figura 15. Elementos de interesse para as modalidades de ecoturismo e turismo activo.

3.3 - Análise SWOT

Pontos fortes (Strengths).

- Existência de boas vias de comunicação, nomeadamente a A3 que faz ligação tanto com a A-55 espanhola como com o sul de Portugal e a auto-estrada A-27 que aproxima a região do litoral. Atente-se também no percurso da A27 que literalmente atravessa o maciço central da serra.
- Diversidade do património natural, edificado e imaterial, de reconhecido valor ambiental, histórico e cultural.
- Existência de boas condições naturais para a prática de desportos de aventura.
- Aposta por parte do governo português na promoção os destinos turísticos nacionais no estrangeiro.

Pontos fracos (Weaknesses).

- Falta de uma promoção específica para o produto turístico Serra d'Arga estando quase sempre qualquer eventual promoção integrada numa estratégia mais alargada que não diferencia nem valoriza devidamente as características únicas da Serra d'Arga (falta de uma marca própria forte).
- Falta de algumas infra-estruturas de hotelaria e restauração.
- Insuficiente conservação, reabilitação, valorização e divulgação do património arqueológico e histórico.

Oportunidades (Opportunities):

- Existência de grande potencial do Turismo em Espaço Rural que, no entanto, ainda não está a ser devidamente explorado devido à falta de infra-estruturas. Refira-se que as unidades de TER estão fortemente concentradas na veiga do Lima. Por outro lado, o predomínio do Turismo de Habitação associado a casas solarengas eleva o custo da oferta turística. Daqui resulta a necessidade de apostar nas modalidades de turismo rural ou de aldeia, com preços mais acessíveis, na área de montanha.
- Segundo dados do INE, a procura das ofertas turísticas nacionais por parte de cidadãos de outras nacionalidades tem vindo a aumentar nos últimos anos.
- Existência de um projecto que defende a classificação da Serra d'Arga como área de paisagem protegida, o que ajudaria na valorização e protecção de todo o seu património.
- A localização geográfica privilegiada entre o mar o rio é um potencial que não está explorado e ajudaria a combater a “ameaça” do parque nacional da Peneda-Gerês. O Turismo de Habitação que predomina na Veiga do rio Lima (freguesias de Arcozelo, Bretiandes, Esporão e São Pedro d'Arcos) é muito fechado dentro da sua especificidade, sendo vocacionado essencialmente para uma população sénior com elevado poder de compra. Poderá não ser fácil captar esse público para o espaço de montanha. Por outro lado, o turismo balnear oferecido pela faixa litoral a ocidente da Serra d'Arga é procurado por um público que procura sol e praia, podendo não estar motivado para o turismo de campo e montanha. Contudo, ambos os espaços turísticos acima descritos esgotam-se em si mesmos, podendo os turistas sentir a falta de alternativas de lazer, sendo nesse

sentido, pertinente propor rotas de ligação entre o mar, a serra e a veiga, numa perspectiva de complementaridade de produtos turísticos diferenciados.

Ameaças (Threats):

- O parque nacional da Peneda-Gerês, bem mais publicitado e até agora valorizado pelos potenciais turistas encontra-se próximo da Serra d'Arga.
- Os incêndios florestais continuam a ser uma ameaça ao desenvolvimento turístico de qualquer região rural, pois constituem um factor dissuasor na decisão de investir ou não em infra-estruturas tão ameaçadas por essa realidade.
- O despovoamento e abandono agrícola patente no espaço de montanha põe em causa a preservação da qualidade da paisagem construída.

3.4 - Estratégia de marketing

Esta estratégia de marketing para o produto turístico Serra d'Arga pretende alcançar os objectivos propostos, através de uma escolha criteriosa dos mercados alvo e consequente posicionamento face a esses segmentos de mercado.

Opções estratégicas.

Acreditamos que a potencialidade turística da Serra d'Arga se encontra subaproveitada, devendo, por isso, ser aplicada uma estratégia de marketing que privilegie a procura de novos consumidores sem descurar os, poucos mas sempre importantes, já existentes; o desenvolvimento de novos produtos turísticos e o aperfeiçoamento dos actuais, bem como uma boa divulgação de ambos.

A região turística da Serra d'Arga deve ter ambições realistas: o potencial é forte mas as dificuldades que advêm de alguns pontos fracos e algumas ameaças estão presentes e umas são mais contornáveis que outras.

Deste modo, defendemos que no posicionamento estratégico da Serra d'Arga face ao mercado deve constar uma atitude de líder naquilo em que única e inovadora (paisagem construída, riqueza patrimonial, a título exemplificativo) e uma atitude de seguidora em outros produtos onde o factor novidade não está tão presente (rede de trilhos pedestres, valores ambientais).

Segmentação de mercado.

O mercado total da Serra d'Arga, constituído pelos potenciais consumidores / turistas deste produto turístico é muitíssimo vasto, podendo em termos teóricos assumir uma expressão mundial. A redução das distâncias físicas proporcionada pela evolução dos meios de transportes e vias de comunicação torna essa realidade ainda mais evidente.

Com base nesta assumpção, é preciso segmentar a população mundial de modo a ser possível realizar a selecção daqueles segmentos, que de acordo com as suas características intrínsecas, apresentam maior probabilidade de responder positivamente à estratégia de marketing.

Porém, tendo em linha de conta a diversidade da oferta turística da Serra d'Arga, a segmentação de mercado que propomos não é rígida, nem demasiado restritiva; possuindo, pelo contrário, um carácter aberto e flexível.

Segmentação Geográfica

- Mercado Interno;
- Mercado Externo:
 - Mercado Espanhol (factor proximidade geográfica que distingue este mercado);
 - Europa Ocidental (UE 15);
 - Europa de Leste (UE 25 menos UE 15);
 - Brasil (factor linguístico e cultural);
 - Resto do Mundo.

Segmentação Demográfica

- Por idade:
 - Jovens;
 - Jovens Adultos;
 - Casais em idade reprodutiva (famílias);
 - Seniores.
- Por estrato socioeconómico
 - Classe Baixa
 - Classe média (baixa, média e alta)
 - Classe alta

Segmentação Psicográfica (em função de factores de interesses individuais e motivação):

- Apreciadores de factores histórico-culturais;
- Praticantes de desporto e actividades radicais;
- Ambientalistas / ecologistas.

Targeting.

Identificados os principais segmentos de mercado, definir o público-alvo do produto turístico Serra d'Arga, direccionando as diferentes ofertas para os segmentos individualizados anteriormente.

O mercado interno terá forçosamente de ser um mercado alvo prioritário. Se não conseguirmos ir de encontro aos anseios e necessidades de consumidores culturalmente próximos e que não têm custos associados tão elevados para visitar a Serra d'Arga; nunca conseguiremos motivar os potenciais turistas estrangeiros.

Como demonstrado na análise de mercado previamente realizada, são os cidadãos da União Europeia, mais concretamente da UE a 15 que já hoje mais procuram a região turística onde se insere a Serra d'Arga, isto na categoria da procura externa. Os países da Europa ocidental emergem também como um importante mercado alvo, numa primeira fase de consolidação da procura já existente para, numa segunda fase, apostar na expansão para novos mercados.

Os cidadãos dos outros países da UE, nomeadamente os de Leste, apresentam uma procura insignificante. Embora usufruam das mesmas condições de facilitação ao turismo dentro das fronteiras da UE – livre-trânsito e moeda única – que os seus vizinhos mais ocidentais, encontram-se territorialmente mais afastados, o que também se traduzirá numa menor divulgação do produto turístico português. Como tal, os países de Leste são um mercado alvo, estratégico para a Serra d'Arga.

Outro significativo mercado alvo para a Serra d'Arga, pela sua proximidade geográfica, é, sem dúvida o espanhol, o que se compreende pelas boas acessibilidades existentes. O mercado brasileiro tem também boas condições para se tornar um mercado alvo. É conhecido o interesse por parte dos Brasileiros pela cultura portuguesa e existe ainda a facilidade linguística.

Tendo em consideração os segmentos de mercado definidos a nível demográfico e as valências da Serra d'Arga, salientam-se vários grupos-alvo.

Consideramos não ser possível excluir nenhum dos quatro grupos previamente segmentados em função do critério idade, uma vez que os produtos turísticos oferecidos vão ao encontro das necessidades e anseios de cada um destes:

- Os jovens e jovens adultos emergem como o grupo-alvo do turismo activo e ambiental;
- As famílias e os seniores encontram-se mais vocacionados para o Turismo em Espaço Rural, especialmente o Turismo de Habitação;
- O Turismo Cultural é transversal a todos os grupos.

No que respeita à segmentação socioeconómica, é necessário direccionar os produtos para as classes média, média alta e alta, dados os custos associados ao usufruto do turismo na Serra (transporte, alojamento, serviços de animação turística).

A aposta nos três segmentos psicográficos definidos justifica-se em função da diversidade de modalidades de turismo oferecidas pela Serra, designadamente o Turismo Activo, o Ecoturismo e o Turismo Cultural.

Posicionamento.

O posicionamento de uma marca é a junção entre a sua identidade e a sua diferenciação, indica o que a marca representa e a forma como se distingue da concorrência. É vital que o posicionamento se mantenha coerente, uma vez que representa a imagem que a empresa deseja que o consumidor tenha da sua marca.

Assim definimos como identidade basilar para a Serra d'Arga o conceito estruturante de “Serra entre o Mar e a Veiga”, alicerçado na sua especial localização geoestratégica. O principal factor de diferenciação (garante da exclusividade e liderança) é o valor do seu património histórico e cultural em espaço de montanha, patente quer na paisagem construída, quer na ocupação multissecular do espaço serrano, que se traduz num diversificado património de várias épocas históricas (Pré-histórico, Idade do Ferro, Romano, Contemporâneo). Pelo contrário, apesar do valor dos factores ambientais e ecológicos e das condições para a prática de turismo activo, estes possuem concorrentes mais fortes, pelo que a Serra d'Arga deverá limitar-se a desempenhar um papel de seguidora.

Marketing-mix

Como síntese do plano de marketing apresentado, descrevemos a fórmula de marketing integrada para a Serra d'Arga, expressando a combinação de várias opções estratégicas ao nível do produto, distribuição, promoção e política de preços.

Produtos.

a) Turismo Cultural – dimensões:

- Rotas históricas temáticas (minas, castros, núcleos preservados);
- Rotas patrimoniais;
- Turismo religioso, na perspectiva histórico-cultural;
- Rotas paisagísticas (valores ecológicos e modelos de ocupação do espaço);
- Turismo etnográfico e gastronómico (tradições, lendas, usos e costumes).

b) Touring

- Rotas e percursos temáticos integrados;
- Pedestrianismo, montanhismo, caminhadas de orientação.

c) Turismo Activo

- Escalada;
- Canyoning;
- Down-hill.

d) Turismo em Espaço Rural

- Turismo de Habitação;
- Turismo Rural;
- Turismo de Aldeia;
- Casas de Campo;
- AgroTurismo.

e) Ecoturismo

Distribuição.

- Fomentar a distribuição dos produtos turísticos da Serra d'Arga em locais de prestação de informação ao turista localizados na envolvente regional, transfronteiriça e nacional;
- Difusão junto de agências turísticas e entidades promotoras de actividades de lazer e desporto em espaços naturais / áreas rurais;
- Difusão e promoção em feiras de turismo de âmbito nacional e internacional.

Promoção.

- Integração em campanhas turísticas dinamizadas por plataformas / organismos de âmbito nacional e regional;
- Promoção através das novas tecnologias de informação (Websites, mailing list, sms);
- Promoção em eventos turísticos e culturais de grande escala, realizados na envolvente territorial regional e transfronteiriça;
- Promoção em meios de comunicação social (imprensa noticiosa generalista e rádio);
- Promoção junto de associações / empresas ligadas à prática de actividades de desporto e lazer em ambientes naturais.

Política de preços.

- Diferenciada em função dos segmentos e das modalidades / produtos turísticos, havendo condições para ser mais elevado no caso do turismo sénior (potencialmente com um poder de compra mais elevado), especialmente em relação ao Turismo de Habitação.

Como término do presente artigo e na óptica de constituição de um eixo de ligação entre o mar, a serra e a veiga, apresentamos a título ilustrativo a *Rota das Minas da Serra d'Arga* (fig.16), explorando o vasto potencial histórico e cultural da herança das antigas jazidas de exploração mineralógica.

A mineração na Serra de Arga remonta pelo menos ao período romano, altura em que a exploração do litoral do Alto Minho terá tido um grande incremento. Os vestígios arqueológicos até ao momento identificados – particularmente na área envolvente da Serra de Arga – bem como dados que se reportam à elevada incidência de explorações mineiras do século XX, põem em evidência o elevado potencial mineiro da região desde a antiguidade até à actualidade (LIMA, M, 2006).

A ocorrência de estanho em filões aplito-pegmatitos desencadeou uma intensa exploração nas vertentes da Serra d'Arga (LIMA, M, 2006) (fig. 16). Assim é possível encontrar antigas minas junto a estes filões que, no geral, surgem associados aos principais alinhamentos tectónicos da região. Existem numerosos vestígios tanto na forma de desmontes e seus acessos como na toponímia de alguns locais (como por exemplo Folgadoiro, Ourado e Arga). Os romanos exploravam os minérios (ouro e cassiterite) utilizando desmontes a céu aberto e subterrâneos e ainda um terceiro sistema, misto.

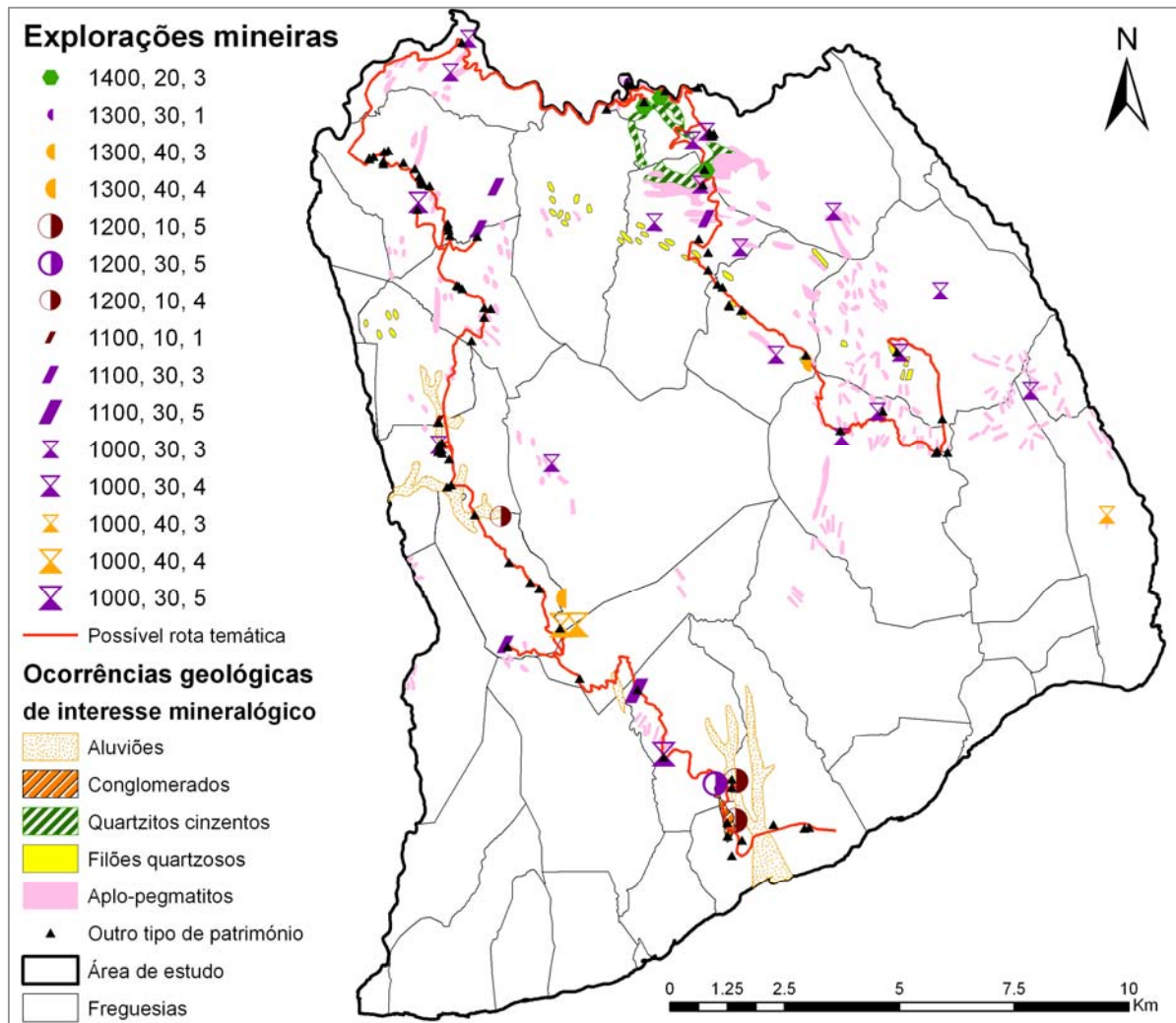


Figura 16. Rota das Minas da Serra d'Arga.

Um dos locais com maior número de vestígios de mineração é Meixedo (galerias, poços e grandes desmontes) (LIMA, M, 2006). Em Meixedo e Vila Mou contam-se 21 concessões de minas de estanho cujos trabalhos de lavra, no período mais recente da exploração, desde finais da década de 30 e nas décadas de 40 e 50. Treze minas localizam-se na freguesia de Meixedo e quatro em Vila Mou, duas das minas em Lanheses, uma em Vilar de Murteda e uma em Nogueira (LIMA, M, 2006). Nesta zona do vale

do Rio Tinto a mineração parece remontar à idade do Bronze. As mós alongadas e vai-vem, encontradas nos castros, parecem ter sido utilizadas para moer os minérios (ALMEIDA, 1981 in LIMA, M, 2006). Nas ruínas dos castros também aparecem vestígios de possíveis forjas (VIANA et al, 1954b in LIMA, M, 2006). Admite-se que no período romano a mineração se intensificou (LIMA, M, 2006).

Existiram também concessões nas freguesias de Vilar de Murteda, Amonde e Montaria que foram originalmente trabalhadas pelos romanos, tendo a última fase de actividade incidido nas décadas de 40 e 50 (LIMA, M, 2006). Nestas freguesias encontramos as concessões de “Folgadoura” e “Alto da Bouça da Breia”. A actividade incidiu principalmente sobre a parte filoniana dos jazigos. O ouro terá sido o principal objecto de exploração e pesquisa pelos romanos que seguiram ou aproveitaram as explorações indígenas. Actualmente não se encontram vestígios da mina de Folgadoura, já que o mesmo jazigo foi cencessionado em 1950 a mina de estanho “Campo da Corta” (LIMA, M, 2006).

A mina de Corzes (fig. 16) situa-se a Norte da Serra de Arga, no vale dos Corsos, na freguesia de Dém. Segundo LIMA, M (2006) esta mina seria um estabelecimento mineiro de pequenas dimensões, típico do Alto Minho mas, com características específicas adequadas a uma realidade local. Este jazigo fazia parte do sistema filoniano encaixado nos xistos do Silúrico, onde ocorre na periferia do maciço granítico da serra de Arga. A parte aluvionar do jazigo era constituída por depósitos fluviais com cassiterite que abrangiam todas as corgas do Vale dos Corsos. O jazigo era constituído por dois filões pegmatíticos em que a cassiterite ocorria disseminada (CMN, 1940 in LIMA, M, 2006).

Próximo da povoação de Vilar de Mouros na margem esquerda do rio Coura localiza-se a mina de Castelhão (fig. X) esta está integrada num campo filoniano predominantemente aplito-pegmatito situado a norte da Serra de Arga, este jazigo foi explorado entre a década de 30 e 60 para extracção de estanho e tungsténio, tendo sido explorada de forma mais intensa na década de 50 (LIMA, M, 2006).

Foi neste período que se implementaram algumas acções de carácter social, como a construção de habitações para o pessoal da mina e instalações comerciais (armazenamento, pesagem de minério ao pessoal não assalariado – “pessoal do quilo” e “gente do pilha”. No seguimento desta conjuntura surgiram alguns processos artesanais para a preparação do minério cujos vestígios são ainda visíveis e de interesse arqueológico. A investigação realizada até ao momento nesta mina permitiu isolar as etapas fundamentais do processo extractivo, revelando métodos de lavra e de tratamento de minérios que são singulares, no contexto da mineração do tungsténio no NW de Portugal (LIMA, M, 2006). Nesta mina é possível observar vestígios mineiros que justificam o seu valor patrimonial, estes centram-se na lavaria e sua área

envolvente na qual se observam entradas de galeria e desmontes a céu aberto resultantes dos trabalhos da última fase de actividade (LIMA, M, 2006).

Na área de Penice encontram-se várias cortas que correspondem a antigas minas de Estanho. Segundo CCRN (1996) in LIMA, M (2006), com uma situação privilegiada no que respeita à acessibilidade e legibilidade das evidências naturais e antrópicas, alguns dos sítios mineiros têm sido aproveitados para a prática de actividades lúdico-recreativas e educativas e em parte por esse motivo estão a passar por processos de degradação.

Assim face à grande riqueza do ponto de vista arqueológico mineiro, é importante considerar este património e requalifica-lo com vista ao seu aproveitamento futuro e deste modo contribuir para a afirmação da Serra d'Arga como destino turístico do NW de Portugal.

4. Bibliografia

- ALMEIDA, C. (1981) – Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha, Câmara Municipal de Ponte de Lima, Ponte de Lima, 90 p.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado (2000) – A arqueologia Proto-histórica e romana do concelho de Vila Nova de Cerveira, C. M. de V. N. de Cerveira, 189p.
- CASTRO Caldas, Eugénio de; (1991) - A Agricultura Portuguesa através dos Tempos; Instituto Nacional de Investigação Científica; Lisboa.
- CCRN (1996) – PROTAM, Plano Regional de Ordenamento do Território do Alto-Minho, vol. I – Recursos Ecológicos. Comissão de Coordenação da Região do Norte, Porto, 23 p.
- COUDÉ-GAUSSSEN, G. (1981) – Les serres de Peneda et do Gêres, Mem. CRG, nº5, Lisboa, 254p.
- DAVEAU, Suzanne (1995) - Portugal geográfico: Edições João Sá da Costa, Lisboa.
- DIAS, Jorge (1949) - Minho, Trás-os-Montes, Haut-Douro, Congrès International de Géographie, Lisboa.
- FEIO, Mariano (1951) - A depressão da Régua - Verin; Notas Geomorfológicas, vol. 1, IAC-CEG, Lisboa.
- FEIO, Mariano e BRITO, Raquel Soeiro de (1950) – Les vallées de fracture dans le modelé granitique portugais: Comptes Rendus du Congrès International de Géographie, UGI, Lisboa, tomo 11, p. 254-262.
- Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade, Plano Sectorial da Rede Natura 2000, Sítio da Lista Nacional, Janeiro 2008.
- LIMA, Maria Fernanda Domingues Lages de (2006) - Caracterização e estratégias de valorização sustentável de ocorrências geológicas com importância patrimonial, Tese apresentada à Universidade do Minho, Braga, 220p
- PEREIRA, Andreia; PEDROSA, A. Sousa (2007) - Paisagem Cultural das Montanhas do Noroeste de Portugal: Um ciclo de construção, desestruturação e reconversão, in Territorium, Revista da Associação Portuguesa de Riscos, Prevenção e Segurança, Coimbra, pp.45-61.
- PEREIRA, E, (coord) (1992) – Carta Geológica de Portugal, notícia explicativa da folha 1, escala 1/200000, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa, 83p.
- PINTO-CORREIA, Teresa (2007). A multifuncionalidade da paisagem rural. Que desafio para o futuro? Pessoas e lugares – jornal de animação da rede portuguesa LEADER+II Série, Nº 16, Jan/Fev, Évora, <http://www.idrha.pt/pl/jornalpl16.pdf>, 2004, [Acedido em 20 de Abril de 2007].
- PINTO-CORREIA, T.; CANCELA D'ABREU, A.; OLIVEIRA, R. (2001) - Identificação de Unidades de Paisagem: Metodologia aplicada a Portugal Continental, Finisterra, n.72, pp195-206.

REBELO, F. (1992) – Relevo de Portugal - uma introdução, Inforgeo, Lisboa, 4, p. 17-35.
 REBELO, F. Relevo de Portugal - uma introdução (1992) - Inforgeo, Lisboa, 4, p. 17-35.
 RIBEIRO, A. et al. (1979) – Introduction à la géologie du Portugal, Publ. Serv. Geol. Portugal, Lisboa, 114p.
 SERRANO, A. (coord) (2002) – História, Património e Cultura, Valima, 311p.
 Sociedade Portuguesa de Vida Selvagem (SPVS), Sumário Executivo do Relatório Área de Paisagem Protegida da Serra d'Arga. Viabilidade da constituição de uma Área de Paisagem Protegida de Interesse Local, Dezembro 2007.
 Valls, Josep Francesc (1996) Las claves del mercado turístico – como competir en el nuevo entorno. Ediciones Deusto SA: Bilbao, Espanha.
 VIANA, A.; OLIVEIRA, M. (1954) – Cidade velha de Santa Luzia, Rev. de Guimarães, vol. LXIV, pp. 40-72.

Sites Consultados:

[Acedido em 10 de Julho de 2008] http://arquivo.rtam.pt/alojamento/turismo_rural.html
 [Acedido em 12 de Setembro de 2008] http://e-geo.ineti.pt/geociencias/edicoes_online
 [Acedido em 21 de Janeiro de 2008] <http://www.celtasdominho.org/>
 [Acedido em 25 de Julho de 2008] <http://www.cm-pontedelima.pt>
 [Acedido em 15 de Julho de 2008] <http://www.freguesiasdeportugal.com>
 [Acedido em 02 de Setembro de 2008] <http://www.icn.pt/>
 [Acedido em 11 de Setembro de 2008] <http://www.ine.pt/>
 [Acedido em 03 de Agosto de 2008] <http://www.lagoas.cm-pontedelima.pt/>
 [Acedido em 22 de Junho de 2008] <http://www.naturlink.pt>
 [Acedido em 30 de Julho de 2008] <http://www.rtam.pt/>
 [Acedido em 08 de Setembro de 2008] <http://www.solaresdeportugal.pt>
 [Acedido em 24 de Junho de 2008] <http://aguiar.hvr.utad.pt>
 [Acedido em 23 de Junho de 2008] http://portal.icnb.pt/NR/rdonlyres/A9783FFC-5400-494F-8D63ECEAC1BC52AA/0/Arga_Sumario.pdf
 [Acedido em 23 de Junho de 2008] http://www.icnb.pt/propfinal/_Vol.IIIS%C3%ADtios%20da%20Lista%20Nacional%20e%20Zonas%20de%20Protec%C3%A7%C3%A3o%20Especial/Fichas%20de%20S%C3%ADtios/Sitio%20SERRA%20ARGA.pdf